

AZUSA – REVISTA DE ESTUDOS PENTECOSTAIS

Volume XV - Número 1

jan./jun. 2023

Revista Semestral da Faculdade Refidim

Joinville/SC

ISSN - 2178-7441

Azusa – Revista de Estudos Pentecostais
Volume XV– Número 1
jan./jun. 2023

Azusa – Revista de Estudos Pentecostais. - v. XV, n. 1
(jan./jun. 2023) - Joinville: REFIDIM, 2023.
Semestral.
136p.
Editor: Ailto Martins
ISSN: 2178-7441
I. Martins, Ailto. II. Título.

Editor:

Prof. Dr. Ailto Martins, Faculdade Refidim, Joinville, SC, Brasil

Editor Executivo:

Prof. Dr. Claiton Ivan Pommerening, Joinville, SC, Brasil

Conselho Editorial:

Prof. Dr. Gedeon Freire de Alencar, PUC/SP

Prof. Dr. Bernardo Campos - Perú

Prof. Dr. Claiton Ivan Pommerening, Faculdade Refidim, Joinville, SC

Prof. Dr. Valdinei Ramos Gandra, Faculdade Refidim, Joinville, SC

Prof. Dr. Daniel Chiquete Beltrán - México

Prof. Dr. Joel Haroldo Baade, Faculdade Refidim, Joinville/SC; UNIARP, Caçador, SC, Brasil

Profª. Dra. Kathleen M. Griffin - Argentina

Prof. Dr. Luis Alberto Orellana Urtubia - Universidad Arturo Prat (Chile)

Prof. Dr. Sidney Moraes Sanches, Faculdade Nazarena do Brasil

Prof. Dr. David Mesquiati de Oliveira, Faculdade Unida de Vitória (UNIDA)

Comissão Científica ad hoc

Prof. Dr. Adriano Souza Lima, PUC/PR

Prof. Dr. Claiton Ivan Pommerening, Faculdade Refidim - Joinville/SC, Brasil

Prof. Dr. Fernando Albano, Faculdade Refidim - Joinville/SC, Brasil

Prof. Dr. David Mesquiati de Oliveira, Faculdade Unida de Vitória/ES, Brasil

Prof. Dr. Joel Haroldo Baade, Faculdade Refidim, Joinville/SC; UNIARP, Caçador, SC, Brasil

Prof. Me. Regina Sanches, Faculdade Nazarena do Brasil

Prof. Dr. Sidney Moraes Sanches, Faculdade Nazarena do Brasil

Prof. Me. Valdinei Ramos Gandra, Faculdade Refidim, Joinville, SC, Brasil

Profª. Ma. Andréa Nogueira dos Santos, Faculdade Refidim, Joinville, SC, Brasil

Revisão: Equipe de Pesquisa da Faculdade Refidim

Diagramação: Everton de Borba

Traduções Abstracts: Cristiane Luiza Salazar Garcia

Órgão Semestral editado pela

FACULDADE REFIDIM

Rua Cerro Azul, 888 - Bairro Nova Brasília - 89.213-480 - Joinville – SC

Fone/Fax (47) 3466 0058

E-mail: ceeduc@ceeduc.edu.br - Site: www.ceeduc.edu.br

Diretor Geral: Prof. Dr. Claiton Ivan Pommerening

Solicita-se permuta.

Biblioteca: Cristiane Luiza Salazar Garcia - biblioteca@ceeduc.edu.br - (47) 3466 0058

*Os artigos publicados são de inteira responsabilidade de seus autores e não refletem, necessariamente,
a opinião dos editores*

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| EDITORIAL | 4 |
| 1. A INVISIBILIDADE DO PENTECOSTALISMO NO CONGRESSO DO PANAMÁ 1916 E SEU VISÍVEL CRESCIMENTO NA AMÉRICA LATINA | 6 |
| CLAITON IVAN POMMERENING..... | 6 |
| 2. O PAPEL DA MULHER NO ANTIGO TESTAMENTO: UM OLHAR SOBRE O PROBLEMA DA ESTERELIDADE | 23 |
| MARCOS ANDERSON TEDESCO | 23 |
| 3. RUTE E SUA NARRATIVA EMANCIPATÓRIA: UMA LEITURA INCLUSIVA DO ANTIGO TESTAMENTO | 40 |
| ANDRÉA NOGUEIRA GOMES DOS SANTOS | 40 |
| 4. METODOLOGIAS ATIVAS NA ESCOLA BÍBLICA DOMINICAL: NOTAS INTRODUTÓRIAS E REFLEXÕES PRELIMINARES ... | 58 |
| FRANCKLEY VITO | 58 |
| IDIANE BARBOSA | 58 |
| 5. LIMITES DA AÇÃO PASTORAL: PRÁTICAS DE CUIDADO E/OU ESGOTAMENTO MINISTERIAL? | 73 |
| YHUR BRULINGER PAVEI | 73 |
| ELIAS MANDE LAURINDO ANDRÉ | 73 |

EDITORIAL

Com muita alegria que estamos publicando a publicação semestral da Azusa – Revista de Estudos Pentecostais do primeiro semestre do ano 2023 (jan./jul. 2023). A presente edição mais uma vez reforça o compromisso bíblico - teológico e interdisciplinar da equipe editorial da revista na análise e reflexão dos pentecostalismos e temas correlatos, tendo em vista que os leitores (as) encontrarão nesta edição temas e autores das mais diversas áreas da teologia (bíblica, sistemática, histórica).

O primeiro artigo, “*A invisibilidade do Pentecostalismo no Congresso do Panamá 1916 e seu visível crescimento na América Latina*”, de autoria de Claiton Ivan Pommerening apresenta uma pesquisa da mensagem e método de evangelismo do Congresso: “Cristo na América Latina”, que ocorreu no Panamá em 1916, com a estratégia de evangelismo praticada pela Assembleia de Deus de Joinville (SC). Diante disso, propõem a comparação entre os dois métodos. o que discute a comissão no respectivo congresso, com a prática de evangelismo da Assembleia de Deus, com objetivo de entender as semelhanças e diferenças entre os dois métodos e seus resultados.

Marcos Anderson Tedesco, autor do segundo artigo, “*O papel da mulher no Antigo Testamento: um olhar sobre o problema da esterelidade*”, estuda a esterilidade na sociedade hebraica descrita no Antigo Testamento, analisando as tensões provocadas em torno desse problema, com a revelação do sofrimento das mulheres que vivem a angústia e a frustração frente às expectativas sociais de fertilidade e abundância de filhos, diante de uma sociedade conhecida por seus traços patriarcais.

Já, o terceiro artigo, “*Rute e sua narrativa emancipatória: uma leitura inclusiva do Antigo Testamento*”, da autora Andréa Nogueira Gomes dos Santos, discute a problemática acerca da exclusão, a qual propõe releitura da história de Rute através da lente inclusiva, com objetivo de destacar potencialidade de Rute como uma figura feminina emancipatória e a relevância de seus relacionamentos interpessoais na narrativa, frente ao enquadramento canônico, que ofusca e diminuiu o fundamento inclusivo desta história bíblica.

Passando para o quarto artigo “*Metodologias Ativas na Escola Bíblica Dominical: notas introdutórias e reflexões preliminares*”, dos autores/as Francikley Vito e Idiane Barbosa pretende sinalizar alguns paralelos entre as Metodologias Ativas da atualidade, e as práticas pedagógicas presentes na Escola Bíblica Dominical. Para isso, analisam em momentos diversos da atuação histórica da Escola Bíblica Dominical estas evidências pedagógicas de utilização de Metodologias Ativas no ensino bíblico dessa escola.

Finalizando o quinto artigo, “*Limites da ação pastoral: práticas de cuidado e/ou esgotamento ministerial*”, de autoria de Yhur Brulinger Pavei e coautor Elias Mande Laurindo André, analisa o esgotamento ministerial, sinalizando os limites da função pastoral. Neste sentido, para compreender as funções pastorais e seus limites, a pesquisa expõe uma revisão bibliográfica e, ainda, entrevistas com determinados pastores/líderes de comunidades eclesiais, com objetivo de entender a práxis pastoral.

Prof. Dr. Aildo Martins

Editor

A INVISIBILIDADE DO PENTECOSTALISMO NO CONGRESSO DO PANAMÁ 1916 E SEU VISÍVEL CRESCIMENTO NA AMÉRICA LATINA

Claiton Ivan Pommerening¹

RESUMO

Com base no Congresso Cristo na América Latina, reunido no Panamá em 1916 e na análise do conteúdo específico da comissão do Congresso que discutiu a *mensagem e o método*² de evangelismo, analisou-se brevemente a introdução de uma estratégia de evangelismo praticada pela Assembleia de Deus de Joinville (SC). Portanto, pretendemos fazer uma comparação entre o que discute a comissão do Congresso do Panamá e entender as semelhanças e diferenças da proposta da Comissão na implantação do método. O método adotado pela AD Joinville é o do discipulado, porém, o discipulado não está prioritariamente no campo cognitivo ou no campo da experiência (carisma), mas sim no campo relacional, cujo objetivo é trabalhar o caráter do indivíduo e sua compreensão dos dogmas e doutrinas evangélicas e pentecostais. O proselitismo se mostra levando em consideração que a maioria das pessoas que são objeto desse método de evangelização são católicos e, assim, leva à convicção de que essas pessoas estariam em risco espiritual se continuassem a praticar o catolicismo.

¹ Doutor e mestre em Teologia pela Faculdades EST. Membro do RELEP – Rede Latino-americana de Estudos Pentecostais, do Fórum Pentecostal Latino-americano e Caribenho e do GEP – Grupo de Estudo do Pentecostalismo. Diretor e professor de Teologia na Faculdade Refidim (Joinville – SC) e editor da Azusa Revista de Estudos Pentecostais (ISSN 2178-7441). Pastor auxiliar na Assembleia de Deus em Joinville (SC) e articulista e escritor da CPAD. E-mail: claiton@ceeduc.edu.br.

² BRAGA, Erasmo. *Pan-americanismo: Aspecto religioso*. Nova York: Sociedade de Preparo Missionário, 1916. p. 83, 139-141.

Perguntou-se sobre a influência do Congresso do Panamá neste método e sua eficácia no evangelismo.

Palavras-chave: Evangelismo; discipulado; proselitismo; pentecostalismo; catolicismo.

ABSTRACT:

Based on the Christian Congress in Latin America, gathered in Panama in 1916 and on the analysis of the specific content of the Congress commission that discussed the message and method of evangelism, the introduction of an evangelism strategy practiced by the Assemblies of God of Joinville (SC) was briefly analyzed. Therefore, we intend to make a comparison between what the commission of the Congress of Panama discusses and understand the similarities and differences of the Commission's proposal in the implementation of the method. The method adopted by the Assemblies of God in Joinville is of discipleship, however, discipleship is not primarily in the cognitive field or in the experience field (charisma), but in the relational field. The objective is to work on the individual's character and his/her understanding of evangelical and pentecostais dogmas and doctrines. Proselytism is shown taking into account that the majority of people who are the object of this method of evangelization are Catholics and thus leads to the conviction that these people would be at spiritual risk if they continued to practice Catholicism. Questions were asked about the influence of the Congress of Panama on this method and its effectiveness in evangelism.

Keywords: Evangelism; discipleship; proselytism; Pentecostalism; Catholicism.

INTRODUÇÃO

O Congresso do Panamá³ representou um marco histórico porque deu início à uma nova maneira como as igrejas evangélicas norte-americanas davam importância à evangelização dos latinos do continente americano. Embora houvesse sido organizado como uma reação a Conferência de Edimburgo, que excluiu das estratégias evangelistas esta parte do mundo pois os bispos anglicanos não queriam confronto com a cúria romana, isso desagradou as igrejas norte-americanas e os missionários que já atuavam na América Latina. Assim, fez-se necessário um novo congresso, com diretivas e diretrizes desta parte do mundo preterida pela Conferência de Edimburgo. A decisão de Edimburgo contrariou os preceitos da Reforma quanto a protestar contra os métodos e domínio do catolicismo romano.

1. IMPERIALISMO E PROTESTANTISMO

Foram séculos de hegemonia, dominação e imperialismo católico e europeu na América Latina, embora esta fosse, em muitos casos, somente uma religião cultural, organizada com liturgias pouco compreensivas e

³ Outros nomes utilizados são Congresso Protestante do Panamá, Congresso Missionário Latino-americano no Panamá e Congresso de Ação Cristã na América Latina. Foi assessorado pelo Comitê de Cooperação na América Latina (CCLA), criado após a Conferência de Edimburgo em 1910, que atuou antes, durante e depois do Congresso do Panamá, tendo como principal articulador e secretário executivo o Dr. Samuel Guy Inman que prestava serviços esporádicos para o Departamento de Estado dos Estados Unidos. Os brasileiros que participaram do Congresso do Panamá foram Álvaro Reis, Eduardo Carlos Pereira e Erasmo Braga o mais destacado deles, que foi encarregado de escrever um relatório do evento chamado *Pan-americanismo: aspecto religioso*.

muitas vezes, entrou em sincronia com as religiões locais, promovendo hibridismo e sincretismo, perdendo-se o conteúdo da mensagem cristã e do evangelho. O Congresso do Panamá, ciente desta realidade, propôs grandes estratégias para alcançar o continente católico, muito embora desde o descobrimento houvessem sido feitas tentativas protestantes de colonização e a partir do Século XIX começasse o fluxo migratório protestante com maior intensidade. Até então não haviam sido feitos grandes progressos, pois 90% da América Latina continuava católica em 1916, como mostram as fracassadas investidas protestantes no início das colônias.

Es el caso de las primeras tentativas de colonización protestante en América desde el siglo 16: la colonia de los Welser en Venezuela (1528-1546), la colonia hugonota francesa en Rio de Janeiro (1555-1560), y la colonia hugonota en la Florida (1564-1565). In los siglos 17 y 18 se fundaron en las Antillas colonias donde se practican cultos protestantes. Algo similar sucedió en el Brasil, cuando se permitió la inmigración europea a este país e la tolerancia religiosa a los recién llegados, muchos de ellos con ideas y doctrinas protestantes.⁴

No Congresso do Panamá obviamente que interesses econômicos, capitalistas e imperiais estiveram envolvidos,⁵ pois vários dos líderes presentes mantinham laços estreitos com o governo dos Estados Unidos e

⁴ MONDRAGON, 2005, p. 49. *Apud*: XAVIER, Érico Tadeu. Protestantismo popular na América Latina:

análise da história, contribuições e implicações. *Kerygma*, Ano 3, Nº 2, p. 28, set. 2007.

⁵ “Império é a convergência de poderes econômicos, políticos, culturais, militares e religiosos, em um sistema de dominação que impõe o fluxo de benefícios do vulnerável ao poderoso. O império cruza todas as fronteiras, distorce identidades, subverte culturas, subordina nações-Estados, e marginaliza ou coopta comunidades religiosas.” MÍGUEZ, Nestor; RIEGER, Joerg; SUNG, Jung Mo. *Para além do espírito do Império: novas perspectivas em política e religião*. São Paulo: Paulinas, 2012. p. 21.

instrumentalizaram a evangelização com estes fins. Cita-se o caso de Samuel Guy Inman que, embora fizesse divulgar na imprensa e nos relacionamentos com igrejas e instituições Latino Americanas que o objetivo era evangelístico, soube-se mais tarde que, na verdade, era também informante do governo dos Estados Unidos. Há quase uma fusão de interesses entre a influência da Doutrina Monroe, do Destino Manifesto, do “american way of life”, do Pan-americanismo e da proximidade destas influências com a missão evangélica dos Estados Unidos na América Latina. Por isso, algumas lideranças latino-americanas se posicionaram de maneira contrária à simbiose entre o protestantismo e a influência norte-americana.

Assim, interesses do Reino de Deus, se misturaram com interesses do reino dos homens, mas não tiraram o brilho e os resultados práticos que o Congresso do Panamá alcançou em termos de investimentos e envio de missionários para áreas até então pouco exploradas pelos protestantes, nesta simbiose, na maioria das vezes, necessária e presente na expansão das religiões. Os relatórios produzidos pelas comissões que antecederam o congresso e que foram apresentados durante o mesmo mostram dados de economia, política, sociologia e logicamente de religião, sempre demonstrando a precariedade de condições e as possibilidades desenvolvimentistas. Isto demonstra que o Congresso foi usado não apenas para a evangelização, embora houvesse grande maioria de missionários com verdadeira devoção evangelística. Nos relatórios prevaleceram as

informações dos missionários estrangeiros, embora fossem também compostos por nativos de forma direta.⁶

A ascensão do Evangelho Social, difundida por autores como Walter Rauschenbusch, podem ter contribuído para a fusão entre ideias desenvolvimentistas e religiosas para a América Latina no início do Século XX. O brasileiro Erasmo Braga, explicitando a Teologia em voga, diz:

O objetivo do ensino evangélico é não somente a obtenção de uma salvação pessoal, mas também a manifestação do patriotismo, o amor do próximo, o desejo de empregar todo o esforço pessoal e movimentos concertados, que tendam a purificar de fraude a política, de crueldade a vida industrial, de desonestidade a vida comercial, de vícios e depravação todas as relações sociais.⁷

O relatório demonstra o embrião de políticas sociais progressistas e, concomitantemente, de movimentos para a construção de políticas de extrema direita. Erasmo Braga, responsável pela elaboração do relatório do Congresso do Panamá, ressalta a necessidade de se unir a evangelização com propósitos de cooperação política e econômica entre os Estados Unidos e o protestantismo, a quem atribui o sucesso do desenvolvimento norte-americano.⁸ Embora várias lideranças latino-americanas desconfiassem da influência colonizadora dos Estados Unidos sobre aquela, Erasmo Braga a “reconhece como salvação da alma, como projeto de desenvolvimento social promissor através das escrituras”, com

⁶ BARROS, Júlia Maria Junqueira de. *Missões do imperialismo: Erasmo Braga, Congresso do Panamá e Panamericanismo*. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião), Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014. p. 67-68.

⁷ BRAGA, Erasmo. *Pan-americanismo: Aspecto religioso*. Nova York: Sociedade de Preparo Missionário, 1916. p. 75.

⁸ Braga salienta em seu relatório que o estímulo cristão (leia-se protestantismo) elevaria a vida social dos latino-americanos. BRAGA, 1916, p. 141.

consequente diminuição dos problemas sociais, políticos e econômicos.⁹ Assim, admite de forma velada, que o protestantismo poderia ser a “ponta de lança” do imperialismo norte-americano,¹⁰ embora estas forças colonizadoras juntas possam apontar apenas para uma coincidência histórica ou para uma plenitude dos tempos na América Latina, apontam também para uma contrapartida de parasitismo missionário, conforme descrito por Eduardo Carlos Pereira, pastor brasileiro que participou do Congresso.¹¹

A análise que Braga faz da cultura norte-americana, como avançada, culta e desejável, contrasta com sua análise da América Latina como retrógrada, inculta e carente de investimentos missionários e financeiros, salientando que a solução seria a implantação da cultura norte-americana mais ao sul, pois esta, com sua moral e educação elevada seria a solução para a implantação do Reino de Deus neste lugar. Salienta assim uma clara admiração pela superioridade do protestantismo e da cultura norte-americana, desprezando a cultura oral, indígena e africana da qual a América Latina era constituída.

Esta mesma racionalidade acompanhou a evangelização das igrejas históricas na América Latina, motivo pelo qual não alcançaram as grandes massas. Inicialmente alcançou pessoas mais simples,¹² mas com a

⁹ BARROS, Júlia Maria Junqueira de. *Missões do imperialismo: Erasmo Braga, Congresso do Panamá e Panamericanismo*. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião), Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014. p. 108.

¹⁰ BONINO, José Miguez. *Rostos do protestantismo Latino-Americano*. São Leopoldo: Sinodal, 2003. p. 10.

¹¹ PEREIRA, Eduardo Carlos. *Christian Work in Latin America: cooperation and the promotion of unity*. New York City: The Missionary, 1917. p. 325.

¹² BRAGA, 1916, p. 154.

proposta do Congresso do Panamá passaria a focar a classe média e as elites¹³ com o objetivo de influenciar mudanças de desenvolvimento político e econômico no continente,¹⁴ pois a “liderança poderia ser confiada somente a pessoas bem instruídas.”¹⁵ Várias instituições missionárias desprezavam os estratos sociais marginalizados, pois entendiam que o futuro promissor estava baseado no fortalecimento de uma classe média que pudesse ser influenciada por princípios cristãos.¹⁶ As massas pobres, enquanto isso, estavam sendo evangelizadas e alcançadas pelos pentecostais e hoje formam a imensa maioria das igrejas cristãs latinas. As propostas do Congresso do Panamá quanto ao tipo de classe social a ser evangelizada se mostraram equivocadas.

2. O CONGRESSO DO PANAMÁ E OS PENTECOSTAIS

O Congresso do Panamá dispensou invisibilidade aos pentecostais, provavelmente por preconceito e marginalidade deste movimento, ou mesmo pela pouca inserção ecumênica dos pentecostais, tendo em vista que as igrejas históricas na época rejeitaram veementemente este novo movimento, que nem sequer poderia ser designado por qualquer

¹³ “Nem a aristocracia tampouco as camadas pobres poderiam ser o centro da atividade missionária. A aristocracia, devido a seus laços com a Igreja Católica Romana; os pobres, devido à sua incapacidade de provocar, pela via evolutiva e não revolucionária, as mudanças que seus países necessitariam.” PIEDRA, Arturo. *Evangelização protestante na América Latina: análise das razões que justificaram e promoveram a expansão protestante*. Vol. 2. São Leopoldo: Sinodal; Equador: CLAI, 2008. p. 88.

¹⁴ PIEDRA, Arturo. *Evangelização protestante na América Latina: análise das razões que justificaram e promoveram a expansão protestante*. Vol. 1. São Leopoldo: Sinodal; Equador: CLAI, 2006. p. 191.

¹⁵ PIEDRA, 2008, p. 91.

¹⁶ PIEDRA, 2008, p. 107.

teologia, pois não havia teologia, segundo a forma racionalista e eurocêntrica de definir teologia. Os pentecostais rejeitavam qualquer embasamento sistemático ou dogmático, dando ênfase apenas na experiência. Pelo fato da teologia tradicional se voltar contra o pentecostalismo, este por sua vez, reforçou ainda mais seu caráter anti-intelectualista, forçando uma nova maneira de fazer Teologia livre dos pressupostos racionalistas e cartesianos, mais acessível a pessoas simples e marginalizadas, como era o caso da população latino-americana.

Segundo Carlos Mariátegui, o protestantismo não teve uma penetração relevante na América Latina e não foi exitoso tanto quanto os pentecostais, porque suas estratégias foram equivocadas ao se concentrarem em obras sociais e educacionais e porque focaram alcançar somente os líderes. Contrariando o Congresso do Panamá, o autor afirma que os movimentos cristãos somente tem êxito se alcançarem as massas,¹⁷ foi o que o pentecostalismo fez.

Os pentecostais tinham algo a oferecer, algo que fez vibrar pessoas letargadas pela monotonia e desesperança de sua existência. Milhões respondiam ao evangelho. Sua vida foi transformada, seu horizonte foi ampliado; a vida cobrou um significado dinâmico. A realidade de Deus, Jesus Cristo e o Espírito Santo – que não passavam de termos sentimentais ligados ao ritual e ao folclore – cobraram novo significado, tornaram-se meios pelos quais se comunicavam luz, força e esperança ao espírito humano. Elas se transformaram em pessoas com um propósito para viver.¹⁸

Os pentecostais conseguiram dar respostas à sociedade Latino Americana, com sua Teologia mais simples, respostas estas que a Teologia

¹⁷ BONINO, 2003, p. 53. *Apud*: MARIÁTEGUI, Carlos. *Siete ensayos sobre la realidad peruana*. Lima: Amauta, 1975. p. 172-173.

¹⁸ BONINO, 2003, p. 53. *Apud*: MACKAY, John A. How my mind has changed in the last thirty years. *The Christian Century*, p. 875, jul. 1939.

elaborada e culta do protestantismo tradicional não conseguiu dar, pois sua Teologia é muito estreita para dar lugar à experiência incognoscível ou facilitar a expressão de seu vigor.¹⁹ O povo sofrido queria respostas para o medo da morte e das doenças, apaziguar a culpa aquilatada pelos dogmas do catolicismo romano e buscar um sentido transcendente para a vida. Assim, o pentecostalismo com a simples Teologia do “Jesus salva, cura, batiza no Espírito Santo e voltará”, conseguiu trazer conforto para as massas desqualificadas para o protestantismo histórico.

O mistério, que no protestantismo histórico, é marcado e cooptado pela erudição, profundidade e complexidade de sua Teologia, é transferido para o lugar da experiência religiosa do batismo no Espírito Santo, proporcionando conforto, inclusão, cura e libertação das massas oprimidas, tudo o que a América Latina precisava. A simplicidade desta Teologia, facilmente transmitida de forma oral, que é a grande marca do pentecostalismo, pode ser explicada por qualquer leigo.

Além disso, a escatologia, baseada na premissa “Jesus voltará”, é fonte de inspiração, estudo, oração e busca pelo divino, pois é a recompensa para todo sofrimento e dor aqui sofridos. Essa premissa é a principal característica da fé pentecostal, pois a fé atuante de uma comunidade é construída a partir de sua escatologia. Evangelho sem escatologia produz cristãos amorfos e apáticos e o pentecostalismo pode ter algumas coisas que não agradam às elites, mas é intensamente pujante e vibrante.

¹⁹ BONINO, 2003, p. 70.

O que mostra esta diferença marcante entre protestantes e pentecostais é o fato dos primeiros, promotores do Congresso do Panamá, serem oriundos da Teologia Pós-milenarista,²⁰ por isso se esforçavam para a implantação do Reino de Cristo naquele momento da história e deveriam empenhar-se para que a justiça, a igualdade, os valores democráticos, a erradicação da pobreza e uma moral elevada se instalassem; enquanto os pentecostais, sendo Pré-milenaristas praticavam o evangelismo arrojado, pois aguardavam a vinda de Cristo e a posterior instalação de seu Reino a qualquer momento. Portanto, isso explica uma diferença fundamental entre ambas as correntes missionárias bem como o amplo desenvolvimento dos pentecostais no continente latino americano.

Quando aconteceu o congresso do Panamá em 1916 o pentecostalismo já havia se instalado em alguns países como Argentina, Chile, Brasil e outros, mas tinha pouca expressão, sendo quase desconhecido. O Pentecostalismo ficou invisibilizado na América Latina até que começou a multiplicar-se demasiadamente. Começou no Chile em 1909, e instalou-se no Brasil em 1910 com a CCB e em 1911 com as Assembleias de Deus. Igrejas estas sem nenhum projeto de evangelização, apenas contando com intensa atuação de leigos, evangelizaram o Brasil inteiro com grande sucesso tendo hoje aproximadamente 13 milhões de fiéis atualmente, como é o caso das Assembleias de Deus.

O envio de missionários pentecostais suecos para o Brasil é uma prova clara de que para estes a Conferência de Edimburgo nada

²⁰ BRAGA, 1916, p. 89.

BARROS, Júlia Maria Junqueira de. *Missões do imperialismo*: Erasmo Braga, Congresso do Panamá e Panamericanismo. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião), Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014, p. 36,69.

representava, mas indiretamente o Congresso do Panamá sim, embora provavelmente nada soubessem a respeito destes eventos.

Outra grande diferença entre o projeto missionário do Congresso do Panamá e a evangelização pentecostal na América Latina, é que os protestantes decidiram estabelecer-se e influenciar a sociedade através da criação de escolas para formar novas elites pensantes no continente, que fizessem frente à crise cultural e social que havia se instalado no continente. Os pentecostais, por outro lado, optaram por aguerridamente somente evangelizarem através do simples proselitismo, sem levar em conta fatores sociais ou educacionais, pois, Jesus estava voltando e não era bom perder tempo com escolas ou coisas similares, o maior interesse seria arrebatar o maior número possível de pessoas para o céu. Este interesse ainda se vê presente em muitas comunidades assembleianas, não se sabe se completamente pelos motivos pré-tribulacionistas, ou movidos por interesses simplesmente de crescimento numérico e todas as benesses disto decorrentes, ou ainda pelo zelo evangelístico em cumprir a grande comissão (Mt 28.19-20).

Comparativo entre o Protestantismo de 1916 e o Pentecostalismo Clássico inicial

| QUESITOS | PROTESTANTISMO | PENTECOSTALISMO CLÁSSICO |
|-----------------------|---------------------------|--------------------------|
| Crescimento | Lento | Explosivo |
| Evangelismo | Tímido | Aguerrido |
| Liderança | Democrática (?) | Centralizadora |
| Inserção na sociedade | Inicialmente influente | Inicialmente invisível |
| | Atualmente incipiente | Atualmente forte |
| Educação | Necessária e modificadora | Jesus vem breve |
| Teologia | Pós-tribulacionista | Pré-tribulacionista |
| | Reformada cessacionista | Experencial |
| | Erudita | Simples |
| Alcance | Elites e classe média | Pobres e marginais |

O Congresso do Panamá poderia estar mostrando o mover de Deus no sentido de trazer experiências religiosas vivas e confortadoras para multidões, diante da esqualidez cultural e cultural do catolicismo e mesmo do protestantismo histórico, embora estas últimas realizaram o congresso exatamente com este objetivo, mas não conseguiram a inserção que o pentecostalismo conseguiu. Assim, as decisões do congresso, quanto a evangelização maciça se realizariam através do pentecostalismo, que nem estava representado neste evento. Pode-se afirmar que a aprovação divina ao Congresso aconteceu de maneira diferente ao programado ou esperado, embora o objetivo final do congresso foi evangelizar a classe média e

culta,²¹ proposta esta que obteve parcialmente certo êxito.²² Talvez Álvaro Reis, um brasileiro participante do Congresso do Panamá tenha, paradoxalmente, profetizado quando se referiu a “uma colheita pentecostal [...], que atestará que o cristianismo é o mesmo, hoje, ontem e eternamente. Na verdade, a colheita já está branqueando, com a promessa de um rendimento abundante.”²³ E branqueou abundantemente para o pentecostalismo.

Isso aponta para o fato de que o irromper do Espírito pode acontecer de maneira completamente adversa do objetivado ou programado, como demonstrado várias vezes na Bíblia e na história da Igreja. Não poderia ser diferente por parte daquele que disse: “as portas do inferno não prevalecerão contra ela.” (Mt 16.18).

Mas não podemos ser simplórios também. Sabe-se que muitos movimentos pentecostais adotam a lógica imperialista sobre seus adeptos, ditando normas coercitivas e invasivas de conduta, muitas vezes de uma suposta moral e ética de dominação de corpos que levam a dominação das mentes; poder absoluto de seus líderes em detrimento de qualquer decisão democrática; abuso religioso e tantas outras formas de religiosidade.

3. CONCLUSÃO - OS DESAFIOS DO PENTECOSTALISMO

²¹ BRAGA, 1916, p. 141.

²² Segundo Bonino, o projeto desenvolvimentista protestante para a América Latina fracassou. BONINO, 2003, p. 22.

²³ REIS, 1916, p. 414.

Nos mais de quinhentos anos depois da Reforma Protestante²⁴ é preciso pontuar os desafios que são necessários enfrentar no sentido de, em alguns casos, ter-se transformado o pentecostalismo em ponta de lança cuja haste empunhada apresenta alguns dilemas que são: do poder institucional, em alguns casos, sem crítica e misericórdia, sabendo que o poder do Espírito não é de dominação mas de serviço; da ênfase no dinheiro que, em alguns casos, explora o pobre desavisado conforme as artimanhas do neopentecostalismo; da ostentação templista que contrasta com a pobreza de muitos membros das igrejas; da participação política interesseira e corrupta que alija o evangelho; do fundamentalismo na leitura bíblica, em alguns segmentos, que legitima a violência contra mulheres, crianças e pobres e da Teologia Reformada cessacionista que retira o caráter sobrenaturalista do pentecostalismo.

O evangelho chama para fazer sangrar os corações com a mesma lança que furou o lado de Cristo, chamando a transformar as lanças em instrumentos de misericórdia, perdão, cura e transformação das realidades pecaminosas e opressoras.

A título de exemplificação da expansão pentecostal apontamos para um programa de discipulado implantado pela Assembleia de Deus em Joinville (SC) que alcança aproximadamente 1.800 pessoas por ano nesta igreja. É um programa em que toda a comunidade se envolve, fazendo com que as pessoas que se convertem, ou que sejam possíveis candidatos a se converterem, sejam intensamente evangelizadas através do contato pessoal semanal e pelo acompanhamento de um ou mais discipuladores que

²⁴ Este texto foi escrito no quingentésimo aniversário da Reforma Protestante e na comemoração do centésimo aniversário do Congresso do Panamá.

cuidarão desta pessoa de formas a lhe inculcar a mensagem do evangelho. Assim, constata-se que o Pentecostalismo no Brasil, quando esgotadas as vias tradicionais de evangelização, consegue se reinventar ou ressignificar em novas e velhas formas de ganhar adeptos.

REFERÊNCIAS

BARROS, Júlia Maria Junqueira de. *Missões do imperialismo: Erasmo Braga, Congresso do Panamá e Panamericanismo*. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião), Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014.

BONINO, José Miguez. *Rostos do protestantismo Latino-Americano*. São Leopoldo: Sinodal, 2003.

BRAGA, Erasmo. *Pan-americanismo: Aspecto religioso*. Nova York: Sociedade de Preparo Missionário, 1916.

MÍGUEZ, Nestor; RIEGER, Joerg; SUNG, Jung Mo. *Para além do espírito do Império: novas perspectivas em política e religião*. São Paulo: Paulinas, 2012. p. 21.

PEREIRA, Eduardo Carlos. *Christian work in Latin America: cooperation and the promotion of unity*. New York City: The Missionary, 1917.

PIEDRA, Arturo. *Evangelização protestante na América Latina: análise das razões que justificaram e promoveram a expansão protestante*. Vol. 1. São Leopoldo: Sinodal; Equador: CLAI, 2006.

_____. *Evangelização protestante na América Latina: análise das razões que justificaram e promoveram a expansão protestante*. Vol. 2. São Leopoldo: Sinodal; Equador: CLAI, 2008.

REILY, Duncan Alexander. *História documental do protestantismo no Brasil*. 3ª ed. São Paulo: ASTE, 2003.

REIS, Álvaro. *O poder conquistador e vital do cristianismo*. Nova York: Sociedade de Preparo Missionário, 1916.

XAVIER, Érico Tadeu. Protestantismo popular na América Latina: análise da história, contribuições e implicações. *Kerygma*, Ano 3, Nº 2, p. 28, set. 2007.

O PAPEL DA MULHER NO ANTIGO TESTAMENTO: UM OLHAR SOBRE O PROBLEMA DA ESTERELIDADE

Marcos Anderson Tedesco²⁵

RESUMO:

Esse artigo busca abordar as tensões provocadas em torno do problema da esterilidade na sociedade hebraica descrita no Antigo Testamento. A partir de uma pesquisa bibliográfica, aborda as relações de gênero nas famílias hebraicas do período estudado buscando perceber as atribuições e os papéis dos homens e das mulheres em uma sociedade conhecida por seus traços patriarcais. Espera-se que as tensões percebidas revelem o sofrimento das mulheres que vivem a angústia e a frustração frente às expectativas sociais de fertilidade e abundância de filhos. Finalmente aponta-se para uma necessidade de ampliação de pesquisas nessa área visando uma percepção mais criteriosa e profunda acerca das relações de gênero nos textos bíblicos e suas possíveis implicações na sociedade contemporânea que se utiliza dos textos bíblicos como parâmetros de vida. Auxiliam nas reflexões propostas nessa pesquisa os seguintes autores: Benthó (2016), Wolff (2007), Smith (2001), Lasor (1999), entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Sociedade Hebraica. Gênero. Família. Patriarcal. Teologia.

ABSTRACT:

This article seeks to address the tensions provoked around the problem of sterility in the Hebrew society described in the Old Testament. Based on a bibliographical research, it approaches the gender relations in the Hebrew families of the period studied, seeking to understand the attributions and roles of men and women in a society known for its patriarchal traits. It is

²⁵ Mestre em Educação pela UNIVILLE; especialista em Antigo Testamento pela Unicesumar; graduado em Pedagogia pela FAEL; em Teologia pela Refidim e em História UDESC. Professor na Faculdade Refidim. E-mail: marcotedesco@ceeduc.edu.br.

expected that the perceived tensions reveal the suffering of women who experience anguish and frustration in the face of social expectations of fertility and the abundance of children. Finally, it points to a need to expand research in this area, aiming at a more discerning and profound perception of gender relations in biblical texts and their possible implications in contemporary society that uses biblical texts as parameters of life. The following authors help in the reflections proposed in this research: Benthó (2016), Wolff (2007), Smith (2001), Lasor (1999), among others.

KEY WORDS: Hebrew Society. Gender. Family. Patriarchal. Theology.

1 PARA INÍCIO DE CONVERSA

A sociedade hebraica no Antigo Testamento, assim como as demais ao longo da história, possui suas características próprias e também suas tensões. Ao nos debruçarmos sobre os traços da sociedade hebraica de então, podemos perceber o quanto as questões de gênero representavam a sua estrutura social e também, conseqüentemente, ditavam um padrão que, quando não seguido, gerava fortes conflitos existenciais. Entre esses conflitos, encontramos os que se evidenciavam em decorrência do problema da esterilidade.

Diante de uma sociedade fortemente patriarcal como a descrita nos textos veterotestamentários, como a mulher percebe, se relaciona e enfrenta o problema da esterilidade? Muitas das histórias narradas nos textos sagrados retrataram a forma como o problema era percebido no meio social. Conseqüentemente, é possível perceber este como um dos problemas que atormentavam muitas mulheres em toda a sociedade de então.

Ao longo desse texto, pretende-se abordar algumas dessas tensões provocadas pelo problema da esterilidade na sociedade hebraica veterotestamentária. Para tanto, é preciso entender como se constituíam as relações de gênero nas famílias hebraicas do Antigo Testamento e identificar o papel da mulher nesse período. Só então será possível perceber as tensões provocadas mediante o problema da esterilidade e buscar um apontamento dos temas teológicos que se apresentam nas narrativas bíblicas que mencionam a problemática da esterilidade.

Ao analisarmos as narrativas veterotestamentárias, encontramos uma sociedade fortemente patriarcal e que busca impor uma ideia de estabilidade quanto às questões de gênero, principalmente no que tange aos papéis do homem e da mulher no contexto social.

No entanto, muitas tensões podem ser percebidas revelando o sofrimento das mulheres que são pressionadas à maternidade e à geração de filhos que honrem os valores sociais constituídos historicamente. Essas tensões se agravam quando entra em cena a realidade da esterilidade, seja ela feminina ou masculina, e outros complicadores decorrentes dessa condição.

O entendimento de como essas mulheres se relacionavam com essas tensões podem nos permitir uma percepção bastante peculiar de temas teológicos relevantes para a religiosidade constituída a partir das bases hebraicas.

2 UMA PERCEPÇÃO A PARTIR DOS TEXTOS BÍBLICOS

Este artigo se subdivide em dois tópicos. No primeiro buscou-se um entendimento acerca do papel da mulher na sociedade hebraica dos tempos veterotestamentários. Nessa etapa, é possível perceber o quanto as questões de gênero se impõem na construção da trama social e determinam de forma incisiva os papéis de cada membro no núcleo familiar. O segundo tópico aponta para as tensões que são geradas quando o problema da esterilidade se faz presente na família. Essas tensões implicam, inclusive, nas questões teológicas como veremos adiante.

Uma pesquisa bibliográfica nos conduzirá e possibilitará uma série de reflexões que nos permitiram compreender melhor a questão proposta. Entre os autores que nos auxiliam, destaco Benthó (2016), Lasor (1999), Smith (2001) e Wolff (2007), todos devidamente referenciados ao final do presente texto.

Finalmente, é importante destacar que este trabalho pretende contribuir para as reflexões acerca das questões de gênero no texto bíblico, porém de forma muito modesta. É evidente o quanto ainda há por se pesquisar, refletir e produzir percepções e considerações nessa tão ampla área de estudo que se constitui na convergência dos estudos teológicos e das questões de gênero.

3 RELAÇÕES DE GÊNERO E FAMÍLIA NO ANTIGO TESTAMENTO

A sociedade hebraica dos tempos bíblicos, principalmente dos veterotestamentários, tinha a família como o âmago da estrutura social.

Tudo acontecia em volta da família e a partir dela eram pensadas as relações sociais e as atividades cotidianas, desde as mais simples até as mais complexas. Segundo Benthó:

A constituição do núcleo familiar a priori foi composta por um homem e uma mulher. Mais tarde, acrescentou-se ao casal os filhos gerados dessa união. A partir do nascimento dos filhos, a família tornou-se o primeiro sistema social no qual o ser humano é inserido²⁶.

O núcleo familiar, como percebemos acima, era composto por uma ordem estabelecida “padrão”: o homem, a mulher e os filhos gerados do casal. Essa formação era vista como a ideal por toda a sociedade e qualquer alteração nesse formato pré-definido provocava um entendimento de inadequação e, conseqüentemente, questionamento e insatisfação.

Acerca da união entre o homem e a mulher, para Gerstenberger, o Antigo Testamento pressupunha uma estrutura social patriarcal como algo naturalizado e predominante.²⁷ O homem era o “cabeça”, o “centro” e o “líder”. Já a mulher era vista como a “varoa” que do varão havia sido tomada, como consequência, e não como igual (Gn 2.23). Cabia a mulher se perceber como o “outro” sexo, que estava destinada a complementar a estrutura criada por Deus servindo ao homem, seu esposo.

Sobre essa distância existente entre as posições sociais ocupadas pelos homens e pelas mulheres, Gerstenberger afirma que:

²⁶ BENTHO, Esdras Costa. *A família no Antigo Testamento: História e Sociologia*. Rio de Janeiro: CPAD, 2016, p. 25,

²⁷ GERSTENBERGER, Erhard. *Dominar ou Amar: o Relacionamento de Homem e Mulher no Antigo Testamento*. Revista Estudos Teológicos, São Leopoldo/RS, v.23, n.1, 1983.

encontramos as passagens suficientemente abordadas que apresentam o homem como proprietário, tutor e senhor da mulher. E, a distância entre o homem e a mulher se alarga, transformando-se em abismo nas afirmações hostis às mulheres que encontramos no judaísmo²⁸.

O tratamento diferenciado entre os sexos é amplamente encontrado nas narrativas bíblicas possibilitando um entendimento do quanto esse distanciamento levava a uma desigualdade estrutural com desencadeamentos psicológicos, afetivos, sociológicos, entre outros. O homem era o senhor “absoluto” enquanto à mulher cabia uma cega obediência e submissão.

É evidente que essa realidade não encontrava a aceitação pretendida e muitas são as passagens bíblicas que apontam caminhos traçados por suas personagens levando-as à protagonismos pontuais, porém, dignos de nota: a manipulação de Raquel frente ao redirecionamento da benção de Isaque sobre o seu filho (Gn 27), a rainha Ester fazendo valer suas causas diante da sede por vingança de Hamã (Es 4.16) e a liderança de Débora (Jz 4 e 5) são alguns desses exemplos.

De modo geral, o papel da mulher na família hebraica durante o período do Antigo Testamento era algo que envolvia obediência, dependência e subordinação irrestritas. A boa mulher era, conseqüentemente, a esposa obediente e a mãe caridosa, fértil e submissa. Sobre isso, Benthó revela que:

O relato da criação do primeiro casal apresenta a mulher com duas principais funções: esposa e mãe. Não são funções

²⁸ GERSTENBERGER, 1983, p. 43.

separadas ou independentes, mas constitutivas do ser mulher segundo o propósito da criação divina²⁹.

Conforme lemos acima, a mulher tinha como propósito de vida ser companheira submissa e mãe dedicada. A impossibilidade do cumprimento de uma dessas atribuições se revelaria como motivo de grande insatisfação e vergonha. Afinal, não era simplesmente a esposa “que não teria filhos”, mas sim, a mulher que não conseguiria cumprir o propósito divino para com todas as mulheres e, fatalmente, levaria consigo essa marca em sua existência.

Para Wolff:

juridicamente o homem é considerado o ‘proprietário’ da mulher (Êx 21.3; Dt 24.4; 2 Sm 11.26), e a mulher como ‘posse’ do homem (Gn 20.3; Dt 22.22)” havendo inclusive uma forte orientação dos textos do veterotestamentários indicando os valores atribuídos nas “negociações” em busca de casamentos e alianças.³⁰.

Diante dessa condição apresentada por Wolff, a mulher não poderia ser vista como companheira ou igual, mas sim, passaria a ser percebida como uma propriedade do seu marido e, como tal, deveria servir aos seus propósitos. A mulher deixa de ter sua individualidade respeitada e passa a ser alguém que vive em função de cumprir o seu papel social em total subordinação ao seu “proprietário”. Torna-se fácil conjecturar como seria a

²⁹ BENTHO, 2016, p. 165.

³⁰ WOLFF, Hans Walter. *Antropologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2007, p. 256.

autoimagem dessa mulher diante de tal situação: cumprir ou não o papel a ela determinado? Podemos imaginar o sentimento de frustração da mulher que não conseguisse gerar filhos, era “estéril como um todo”.

Além da geração de filhos, a mulher também educava os filhos preparando-os para as tarefas do cotidiano. Segundo Gerstenberger, a mulher cuidava das crianças pequenas ensinando as questões básicas da vida em sociedade e também as primeiras atividades específicas para os meninos e para as meninas.³¹ Assim que os garotos alcançavam autonomia passavam a estar com os homens, já as meninas eram educadas pelas mulheres até os seus casamentos. Também cabia às mulheres a supervisão dos servos da casa e da economia doméstica. Já os homens se ocupavam dos jovens e adolescentes, dos servos do campo, da agricultura, da criação de gado e da segurança familiar.

Segundo Kunz, muitas são as narrativas veterotestamentárias de outros papéis desenvolvidos pelas mulheres: servas, sábias, carpideiras, líderes, rainhas e juíza. É preciso considerar que algumas dessas atribuições são exceção, e não regra.³² Um exemplo é com relação ao papel de juíza que foi ocupado apenas por Débora (Jz 4-5).

Ao pensarmos na vida religiosa, a sorte das mulheres segue a mesma direção da vida cotidiana. Para Neuenfeldt:

O lugar que as mulheres ocupam no culto tem a ver com o lugar que lhes é atribuído ou permitido na sociedade como um todo. Na sociedade israelita, retratada no Antigo Testamento, a religião está profundamente emaranhada na vida cotidiana.

³¹ GERSTENBERGER. 1983, p. 50.

³² KUNZ, Marivete Zanoni. *A atuação da mulher no Antigo Testamento e seu papel na sociedade*. Revista Batista Pioneira, Ijuí/RS, v. 3, n. 1, 2014 p. 52.

Não há uma separação clara entre funções religiosas ou políticas, apesar de haver instituições específicas. A dimensão religiosa busca controlar e influenciar toda a vida da pessoa³³.

A mulher que na vida cotidiana ficava restrita as funções domésticas sem protagonismo aparente, tinha a mesma sorte na vida religiosa. A voz feminina emudecida na família é, também, abafada no cotidiano das práticas religiosas judaicas. O patriarcalismo expande seus domínios também no culto legando a mulher um papel secundário que raramente seria redimensionado ou questionado.

Esse padrão percebido na vida cotidiana judaica, inclusive na religiosa, foi, conseqüentemente, acrescentando à narrativa bíblica e chegou aos dias atuais com um forte apelo do “sagrado”. Dessa forma podemos perceber o quanto a depreciação, submissão e a exploração da mulher, tão presentes em nossa atualidade, poder ter sido fortalecida pelas narrativas religiosas. O patriarcalismo, ainda presente em nossa civilização ocidental, pode ter recebido forte influência da tradição religiosa. Mas, essas são questões que precisam ser amadurecidas em pesquisas que ainda precisam ser aprofundadas.

Até aqui percebemos a natureza do papel da mulher na sociedade hebraica durante o Antigo Testamento. Esperava-se que a mulher fosse uma esposa submissa e uma mãe fértil e perpetuadora da ordem social estabelecida. Mas, e quando essa mulher era infértil? A esterilidade era

³³ NEUENFELDT, Elaine. *Práticas e experiências religiosas de mulheres no Antigo Testamento: considerações metodológicas*. Revista Estudos Teológicos, São Leopoldo/RS, v.46, n.1, 2006, p. 85.

vista com muito pesar nessa sociedade e, por sua vez, representaria uma grande frustração, medo e tristeza para com a mulher. Acerca disso, conversaremos no próximo tópico.

4 O DILEMA DA ESTERELIDADE EM UMA SOCIEDADE PATRIARCAL

Assim que a narrativa bíblica apontou para o surgimento do primeiro casal, já foi possível se deparar com a intenção divina indicando a urgente multiplicação dos seres humanos. No primeiro capítulo do Antigo Testamento, o homem e a mulher receberam a clara ordenança: “Sejam frutíferos, multipliquem-se e encham a terra” (Gn 1.28). Segundo Smith (2001, p. 240), Javé abençoou o ser humano com o poder da reprodução. Porém, uma tarefa que estava dependente de uma dupla responsabilidade desencadeava na narrativa patriarcal em uma ampla responsabilização da mulher. Se tudo desse certo, a família era abençoada. Se os filhos não viessem ao mundo, a mulher era responsabilizada.

Ao longo da história veterotestamentária, a sociedade estava ciente de que a maternidade era obra divina e não humana. Porém, segundo Benthó, “se um casal não tivesse filhos, a primeira suposição era de que a mulher fosse estéril, e por isso mesmo, era amaldiçoada por Deus”³⁴. Os textos bíblicos apontam para essa realidade (Gn 30.1,2,22 / Gn 16.2) e não deixam dúvida acerca da grande responsabilidade que recaia sobre os ombros e ventres femininos.

³⁴ BENTHO, 2016, p. 217

Podemos perceber uma forte orientação bíblica confirmando o papel da mulher com relação à continuidade da família gerando os filhos e perpetuando a linhagem do marido. A ocasional esterilidade da esposa impulsionava à família na busca por outros meios legítimos para a geração dos filhos. Wolff nos aponta a inserção de concubinas e escravas com a finalidade de conceber os filhos que a esposa não poderia gerar (Gn 25.6; Gn 16.1; Gn 30.3; Jz 8.30; 2 Sm 5.13).³⁵ Desta forma, estava assegurada a longevidade do nome do homem. Essa era uma prática muito usada durante o período patriarcal, estendendo-se, com menor adesão, durante outros períodos.

O problema da esterilidade pode ser observado nas narrativas bíblicas das esposas dos primeiros grandes patriarcas: Abraão, Isaque e Jacó. Para Benthó, “a maternidade foi-lhes negada misteriosamente a fim de cumprir um propósito teleológico, não compreensível a suas mentes racionais limitadas”.³⁶ A promessa divina (Gn 12.2) acerca da grande nação a ser gerada não encontrava amparo na racionalidade destes personagens bíblicos. Diante da dificuldade em gerar filhos, paliativos foram buscados com a finalidade de acalantar a obsessão em gerar filhos. Entre esses paliativos, os concubinatos de seus maridos foram levados em conta.

Diante dessas estratégias, muitas foram as tensões criadas. Ciúmes, competições, sentimento de frustração, depressões, batalhas por liderança e herança, entre outros problemas, se fizeram presentes. Segundo Wolff:

³⁵ WOLFF, 2007.

³⁶ BENTHO, 2016, p. 165

para muitas mulheres, os ciúmes contra uma ou mais mulheres e seus filhos devem ter se tornado um tormento (1 Sm 1); também a autoridade sobre os diversos filhos e seus direitos de herança podiam acarretar problemas difíceis, quando duas mulheres eram amadas de forma desigual pelo marido, o que deve ter sido a regra. Finalmente, para muitas mulheres devia faltar aquela segurança duradoura que poderia proporcionar um matrimônio monogâmico³⁷.

Essas tensões eram geradas a partir das tomadas de decisões que visavam solucionar as consequências da esterilidade. Mas, se por um lado traziam novos membros às famílias, por outro, também traziam uma grande diversidade de complicações. Inúmeras são as narrativas encontradas no texto bíblico que ilustram essa questão.

Vejamos uma das mais famosas situações conflituosas criadas a partir do concubinato: a história envolvendo Sara e sua serva Hagar (Gn 16 a 18). Com a dificuldade de Sara em gerar um filho, a serva Hagar foi chamada para deitar-se com o seu senhor. Assim que a criança nasceu, a serva sentiu-se empoderada ao passo que Sara percebeu-se diminuída tendo desvalorizada a sua condição de mulher e esposa. Tudo se agravou anos mais tarde com o nascimento do filho biológico de Sara, Isaque, fazendo com que a mãe entendesse que poderia expulsar a serva e o seu filho do acampamento. O jovem Ismael, mesmo sendo filho biológico de Abraão, foi desprezado.

Semelhantes histórias seriam vividas envolvendo as próximas gerações reforçando o quão forte era a responsabilidade da mulher quanto à geração dos filhos e como a esterilidade a colocaria em uma difícil posição frente às cobranças de uma sociedade patriarcal.

³⁷ WOLFF, 2007, p. 260.

Teologicamente, problemas são percebidos quando busca-se refletir a questão da esterilidade na sociedade judaica. Se olharmos simplesmente as questões sociológicas e legais de então, segundo Benthó, amparadas pelas leis hamurabianas (no artigo 144 do Código de Hamurabi), por exemplo, as mulheres estéreis se justificariam usando o artifício do concubinato.³⁸ Mas, no propósito divino, segundo a fé judaica, grandes eram os problemas gerados desafiando importantes temas teológicos e provocando um relativo sofrimento.

Já no prólogo, o texto bíblico apresenta Deus como o Criador. Segundo Lasor, a criação do homem e da mulher foi completa e os seus propósitos foram plenos em essência.³⁹ Criados como uma só carne, homem e mulher receberam juntos as determinações sobre como deveriam proceder e viver.

Smith afirma que a mulher não foi criada para ser uma “mera ajudadora” do homem, muito menos ser por ele diminuída e subjugada.⁴⁰ O problema da desvalorização e do sofrimento impostos a mulher estéril são afrontas a condição soberana do ato criador de todas as coisas. Quando se insiste na violência de gênero (mesmo que moral) para com a condição infértil da mulher, também se afronta o próprio Deus que tudo fez.

Diante desta constatação, o Deus Criador tem sua condição também questionada enquanto autor de uma obra perfeita. O propósito de Deus,

³⁸ BENTHO, 2016.

³⁹ LASOR, William. HUBBARD, David. BUSH, Frederic. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1999.

⁴⁰ SMITH, Ralph. *Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2001.

ainda segundo Smith, é que, homem e mulher, por serem criados pelas mãos divinas e à imagem de Deus, a diferença entre os sexos não deve incorrer em subsídio para uma imposição de graus de domínio e poder.⁴¹ Ambos fazem parte de um único projeto e partilham de semelhante relevância e competências perante o Criador em uma cooperação responsável buscando forças do relacionamento que cada um tem com Deus.

A promessa de Deus sempre apontou para uma grande nação e, mediante a sua fidelidade, os que receberam a promessa poderiam descansar. Mas, sempre que os filhos se fizeram ausentes nas famílias, dúvidas foram levantadas, e a mulher era cobrada como sendo o centro da problemática. Mediante a eleição e as promessas divinas, segundo, Abraão deveria ser o pai de uma grande nação, mas Sara era estéril (Gn 11.30)⁴². Mediante os servos, o homem era o grande senhor, mas a mulher era condenada ao interior das tendas para chorar suas frustrações.

Então, temas como graça, fé e promessa são evidenciadas e a dependência divina se materializava em milagres. A tristeza de Sara se transformava em riso (Gn 18.12-15) e a esperança de Abraão tornava-se real mediante a sua plena confiança em Deus.

Outro exemplo da graça de Deus sobre a vida pautada na devoção e fidelidade dos seus servos é a história que envolve o nascimento do profeta Samuel. Para Lasor, “a história centra-se na angústia de Ana por não mostrar-se capaz de obedecer ao ‘imperativo da fecundidade’, angústia

⁴¹ SMITH, 2001.

⁴² LASOR, 1999.

potencializada pelas censuras desdenhosas da rival.⁴³ Sua condição lembra Sara (Gn 16.1; 21.9), mas era ainda mais vexatória; enquanto Hagar era uma esposa escrava, Penina gozava de pleno status de esposa”.

Em ambas as narrativas (a de Sara e a de Ana) os milagres aconteceram e as mulheres tiveram motivos para sorrirem e serem agradecidas a Deus. Porém, mesmo em meio a histórias como essas, pode-se perceber a força com que a responsabilidade da geração de filho recai sobre a mulher. Sara sofre e manda a serva embora, Ana é humilhada e chora. Ambas vivem a responsabilidade por protagonizarem o caminho da bênção divina em suas casas personificadas nas crianças que correm cheias de esperança.

CONCLUSÃO

O presente texto buscou propor uma reflexão acerca das questões de gênero nos tempos do Antigo Testamento. Desde a narrativa da criação diversas questões relacionadas aos papéis masculinos e femininos foram determinantes nos enredos e nos desfechos.

Inicialmente, buscamos conhecer melhor as atribuições masculinas e femininas na sociedade judaica veterotestamentária e, conseqüentemente, os impactos do “não cumprimento” desses papéis com um destaque principal para a esterilidade. Nessa família patriarcal, a mulher levava

⁴³ LASOR, 1999, p 182.

sobre si a grande responsabilidade de gerar os filhos. Quando isso não acontecia, as tensões eram percebidas como pudemos ver.

Ao considerarmos os temas teológicos da narrativa bíblica, pudemos, ao longo do texto, perceber que essas tensões foram mal interpretadas e a mulher “serva” deveria ser na verdade a mulher “companheira”. Dessa forma, as tensões que são refletidas nos dias atuais como herança das narrativas bíblicas interpretadas sobre um viés fortemente patriarcal seriam melhor compreendidas e implicariam, pelo menos, em mudanças comportamentais.

Ainda há muito a ser pesquisado e produzido nessa área. As questões de gênero presentes na narrativa bíblica sempre influenciaram as sociedades que se debruçaram sobre tais textos desde a antiguidade até a contemporaneidade. Nesse ponto, é latente a necessidade de uma abordagem maior acerca das questões de gênero na Bíblia proporcionando assim condições para análises mais criteriosas e interpretações mais imparciais promovendo olhares que valorizem as vozes emudecidas ao longo dos tempos.

REFERÊNCIAS

- BENTHO, Esdras Costa. *A família no Antigo Testamento: História e Sociologia*. Rio de Janeiro: CPAD, 2016.
- GERSTENBERGER, Erhard. *Dominar ou Amar: o Relacionamento de Homem e Mulher no Antigo Testamento*. Revista Estudos Teológicos, São Leopoldo/RS, v.23, n.1, 1983.

KUNZ, Marivete Zanoni. *A atuação da mulher no Antigo Testamento e seu papel na sociedade*. Revista Batista Pioneira, Ijuí/RS, v. 3, n. 1, 2014.

LASOR, William. HUBBARD, David. BUSH, Frederic. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1999.

NEUENFELDT, Elaine. *Práticas e experiências religiosas de mulheres no Antigo Testamento: considerações metodológicas*. Revista Estudos Teológicos, São Leopoldo/RS, v.46, n.1, 2006.

SMITH, Ralph. *Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2001.

WOLFF, Hans Walter. *Antropologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2007.

RUTE E SUA NARRATIVA EMANCIPATÓRIA: UMA LEITURA INCLUSIVA DO ANTIGO TESTAMENTO

Andréa Nogueira Gomes dos Santos⁴⁴

RESUMO:

A história de Rute, contida no Antigo Testamento, é apresentada por meio de uma perspectiva tradicionalmente teológica e histórica. Este enquadramento canônico muitas vezes ofusca a potencialidade de Rute como uma figura feminina emancipatória e a relevância de seus relacionamentos interpessoais na narrativa. Portanto, este artigo propõe uma releitura da história de Rute através da lente inclusiva, explorando a resiliência de Rute, suas interações sociais e sua progressão da marginalização à inclusão na linhagem de Cristo. O objetivo desta pesquisa é destacar a importância destes temas, oferecendo uma releitura enriquecedora da história de Rute no Antigo Testamento. A metodologia da pesquisa permeia as contribuições de vários teóricos especialistas sobre o tema, por meio de uma revisão bibliográfica. Desta forma, os resultados esperados do artigo estão na reinterpretação da força de Rute, na demonstração de sua inclusão na linhagem de Cristo e no entendimento de suas interações sociais na perspectiva inclusiva.

Palavras-chave: Livro de Rute. Antigo Testamento. Inclusão. Emancipação. Resiliência.

ABSTRACT:

The story of Ruth, contained in the Old Testament, is conventionally framed through a historical and theological perspective. This canonical framing often obscures Ruth's potential as an emancipatory female figure and the relevance of her interpersonal relationships in the narrative. Therefore, this article proposes a re-reading of Ruth's story through an inclusive lens, exploring Ruth's resilience, her social interactions, and her progression from marginalization to inclusion in

⁴⁴ Mestra em Teologia pela EST na linha de pesquisa Leitura e Estudo e ensino da Bíblia, especialista em Aconselhamento Cristão e Cuidado, graduada em Teologia e Secretariado Executivo, Licenciada em Filosofia. Professora na Faculdade Refidim. E-mail: andrea@ceeduc.edu.br.

Christ's lineage. The aim of this research is to highlight the significance of these themes, offering an enriching re-reading of Ruth's story in the Old Testament. The research methodology permeates the contributions of various specialist theorists on the subject, through a bibliographic review. Thus, the expected outcomes of the article lie in the reinterpretation of Ruth's strength, the demonstration of her inclusion in Christ's lineage, and the understanding of her social interactions from an inclusive perspective.

Keywords: Book of Ruth. Old Testament. Inclusion. Emancipation. Resilience.

INTRODUÇÃO

A tapeçaria literária do Antigo Testamento é bordada com histórias ricas em complexidade humana e divina, entrelaçando tramas de fé, desafio e redenção. Entre essas narrativas, o livro de Rute emerge como uma pérola de excepcional lustro. Através das lentes de uma narrativa inegavelmente singular, somos transportados para um mundo em que as fronteiras entre o feminino e o divino, a marginalização e a ascensão, o profano e o sagrado, são borradas, tecendo uma tapeçaria rica de insights sobre a condição humana e o divino. Este artigo se propõe a lançar luz sobre essa extraordinária jornada, explorando o livro de Rute como um testemunho de força feminina, inclusão social, e um reflexo do plano redentor de Deus.

Ao percorrer as páginas deste estudo, o leitor e a leitora são convidados a embarcar em uma peregrinação intelectual e espiritual. Nossa caminhada nos levará através das terras da viuvez, migração e amor, explorando o gênero e nos encontrando com a graça na sociedade no Antigo Testamento. Desafiaremos o poder e a devoção patriarcais ao testemunhar a resiliente protagonista, Rute, na trama divina da redenção. A narrativa de Rute e Noemi nos ensina que a

marginalização pode dar lugar à inclusão, que a desolação pode ser transformada em plenitude, que a fê pode emergir da desesperança.

Adentrando na intrincada análise do Livro de Rute, é primordialmente valioso trazer à tona o estudo proposto por Dusilek⁴⁵, que articula o papel das mulheres na genealogia de Jesus, referenciando Rute como uma figura central. Sua interpretação sugere uma leitura alternativa do texto, que enfatiza a participação feminina no plano divino de redenção. A partir de tal perspectiva, Rute não é vista meramente como uma mulher marginalizada, mas como um exemplo robusto de resistência e inclusão. A coragem de Rute em se posicionar contra as normas sociais e culturais, e seu compromisso de pertencer ao povo de sua sogra, não obstante seu próprio status de estrangeira, ecoa em seu grito por inclusão.

Tal inclusão social e divina de Rute se torna ainda mais significativa quando consideramos seu papel na linhagem de Cristo. Como bem argumenta Dusilek, Rute, uma mulher moabita, acaba por se tornar a bisavó do rei Davi, consolidando sua posição na genealogia de Jesus. Este fato não apenas reforça o plano redentor de Deus que cruza fronteiras culturais e étnicas, mas também ressalta o fato de que Deus utiliza personagens marginalizados e não convencionais para cumprir seus propósitos.

A pesquisa conclui-se examinando a posição de Rute e Noemi na linhagem de Cristo, reconhecendo seu papel crucial na revelação do plano divino. Esta reflexão não só lançará luz sobre a significativa contribuição das mulheres na história sagrada, mas também oferecerá uma visão mais profunda do caráter e da justiça de Deus. Em um mundo frequentemente dividido por barreiras étnicas,

⁴⁵ DUSILEK, Nancy Gonçalves. *O grito das incluídas: As cinco mulheres da genealogia de Jesus*. São Paulo: Editora Vida, 2023.

sociais e religiosas, a história de Rute permanece um símbolo poderoso de amor inclusivo e transformação redentora.

1. A SINGULARIDADE DA NARRATIVA DE RUTE: UMA PERSPECTIVA FEMININA NO ANTIGO TESTAMENTO

1.1 A Jornada de Rute e Noemi: Desafiando os Paradigmas Sociais e Políticos

O livro de Rute, um texto inegavelmente único no Antigo Testamento, traz à luz as facetas menos exploradas da feminilidade em um tempo e cultura dominados por figuras masculinas. Através das lentes de Rute e Noemi, esta obra desafia os paradigmas sociais e políticos de sua época.⁴⁶

Rute, uma moabita, é uma figura contraditória. Ao se casar com um israelita, Rute transgredir as normas étnicas e religiosas estabelecidas, posicionando-se contra o patriarcado da época.⁴⁷ Diversamente das outras mulheres de seu tempo, a história de Rute demonstra uma força feminina que prevalece apesar das circunstâncias adversas. Sua decisão de seguir Noemi para uma terra estrangeira evidencia um caráter audaz e uma determinação que resistem às adversidades.⁴⁸

A narrativa de Noemi, por sua vez, é igualmente complexa. Ela é uma mulher de origem judaica que experimenta exílio, perda e pobreza, mas que, apesar disso, mantém a fé e a esperança intactas. Sua fé em Javé, o Deus de Israel,

⁴⁶ STORNILOLO, Ivo. *Como ler o Livro de Rute*. São Paulo: Paulus, 1998, p. 43.

⁴⁷ KRAUS, Hans-Joachim. *História da pesquisa do Antigo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal, 2002, p. 65.

⁴⁸ CERESKO, Anthony R. *A Sabedoria do Antigo Testamento: Espiritualidade Libertadora*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 178.

e sua determinação em acreditar em uma vida melhor, contribuíram para a trajetória de Rute. Seu papel é fundamental na construção da identidade de Rute.⁴⁹

As vidas de Rute e Noemi se entrelaçam de maneira profunda, simbolizando a união de destinos. Ao considerar a dinâmica feminina no Antigo Testamento, é impossível ignorar os laços emocionais que unem estas duas mulheres. Em uma sociedade em que a mulher era vista primariamente através de suas relações com os homens, a amizade entre Rute e Noemi se torna um exemplo de companheirismo feminino.⁵⁰ No contexto da teologia bíblica, as histórias de Rute e Noemi são contos de resistência, esperança e determinação feminina. Seus personagens, longe de serem passivos ou subordinados, são agentes ativos na história de Deus com o seu povo.

Para entender plenamente a história de Rute, é importante considerar o contexto sócio-cultural e político de seu tempo. Como Storniolo sugere, “a narrativa de Rute é muito mais do que uma simples história; ela desafia ativamente os paradigmas de sua sociedade.”⁵¹ Isso é especialmente evidente na maneira como Rute e Noemi se rebelam contra as normas socioculturais predominantes, reivindicando agência em um mundo dominado por homens. O destaque que essas duas mulheres recebem, suas ações e decisões que movem a narrativa adiante, tudo isso é contra-intuitivo ao patriarcalismo da época.

1.2 Fé, Cultura e Resiliência: As Dinâmicas da Religião na Vida de Rute

Ao abordar a experiência religiosa de Rute, é preciso compreender a profundidade de sua receptividade à orientação de Noemi. Esta aceitação ilustra

⁴⁹ ANTONIAZZI, Alberto; BROSHUIS, Inês; PULGA, Rosana. *O ABC da leitura da Bíblia*. São Paulo: Paulus, 2003, p. 90.

⁵⁰ BAL, Mieke. *Heroísmo e nomes próprios, ou os frutos da analogia*. In: BRENNER, Athalia. *Rute, a partir de uma leitura de gênero*. São Paulo: Paulinas, 2002, p. 72.

⁵¹ STORNILOLO, 1998, p. 31.

uma reflexão profunda sobre a empatia feminina e a força da resiliência. Enquanto em uma sociedade patriarcal os papéis de liderança eram primariamente ocupados por homens, a figura de Noemi, uma mulher idosa e viúva, torna-se uma líder espiritual para Rute. A relação entre elas demonstra um vínculo de confiança e respeito mútuo, alicerçado na fé e na esperança de um futuro melhor.⁵²

A influência da religião e da cultura na vida de Rute é evidente. Como uma moabita, sua conversão à fé judaica implica uma grande mudança em sua vida. O seu comprometimento com Noemi, bem como sua escolha em se converter ao judaísmo, é um ato de profundo amor e lealdade.⁵³ Este compromisso é ainda mais impressionante quando consideramos o contexto histórico em que ocorre. Em um momento em que as mulheres raramente tomavam decisões de grande importância por conta própria, Rute demonstra coragem e determinação (PÁDUA, 2012, p. 68)⁵⁴.

Ao adotar a fé judaica, Rute demonstra uma capacidade única de adaptação e resiliência. Ela é capaz de navegar em uma cultura estrangeira, ao mesmo tempo em que mantém a integridade de suas próprias crenças e valores.⁵⁵ Em uma sociedade que tendia a desvalorizar a voz e a experiência feminina, a história de Rute é um exemplo poderoso de fé, lealdade e resiliência.

Por outro lado, a dimensão religiosa da vida de Rute é um elemento fundamental para a compreensão de seu caráter e ação. Kraus argumenta que “a

⁵² STORNILO, 1998, p. 57.

⁵³ VINCENT, Marvin Richardson. *The Synoptic Gospels. Acts Of The Apostles. Epistles Of Peter, James And Jude*. Palala Press, 2018.

⁵⁴ PÁDUA GRACIA, C. *Uma leitura do livro de Rute: mulheres pobres e transgressoras do judaísmo*. Estudos Bíblicos 114 (2012), p. 97-108.

⁵⁵ SILVA, Aldina. *Rute: Um evangelho para a mulher de hoje*. São Paulo: Paulinas, 2002, p. 57.

fê, a cultura e a resiliência são componentes fundamentais para entender a interação de Rute com o mundo ao seu redor.”⁵⁶ Sua conversão ao judaísmo não é apenas um ato de amor e lealdade para com Noemi, mas também uma manifestação de sua resiliência e capacidade de adaptar-se a novos contextos. O fato de Rute manter a integridade de suas próprias crenças e valores enquanto navega em uma cultura estrangeira é testemunho de sua força e determinação.

2. VIUEZ, MIGRAÇÃO E AMOR EM RUTE: UM ESTUDO DE GÊNERO E SOCIEDADE NO ANTIGO TESTAMENTO

2.1 Gênero, Poder e Devoção no Antigo Testamento: O Papel Masculino e a Resiliência de Rute

No contexto do Antigo Testamento, a sociedade era predominantemente patriarcal e o papel do homem era central na comunidade. Eles eram os principais responsáveis pelo sustento e proteção da família, assim como pelo cumprimento de importantes rituais religiosos. A disparidade de gênero era evidente, as mulheres geralmente ocupavam uma posição de subordinação, com pouca autonomia e influência em decisões importantes.⁵⁷ No entanto, a história de Rute desafia essa norma de maneira sutil, mas significativa.

Rute, uma mulher moabita, escolhe seguir sua sogra Noemi, desafiando o costume de retornar à casa do pai após a viuvez. Essa decisão, como aponta Soles⁵⁸, “demonstra sua força de vontade e a profundidade dos laços que ela havia

⁵⁶ KRAUS, 2002. p. 43.

⁵⁷ SOMMER, Benjamin D. *The Bodies of God and the World of Ancient Israel*. Cambridge University Press, 1990, p. 65.

⁵⁸ SOLES, Jame Clarck. *Women in the Bible: Interpretation: Resources for the Use of Scripture in the Church*. Westminster John Knox Press, 2012, p. 101.

formado com Noemi”. A declaração de Rute a Noemi, "onde fores irei, e onde ficares, ficarei. Teu povo será o meu povo, e teu Deus será o meu Deus" (Rt 1:16), é um compromisso sincero com a nova identidade que ela escolhe abraçar, mesmo sabendo dos desafios que enfrentaria como estrangeira em Belém.

A jornada de Rute é marcada por uma série de adversidades. No entanto, ela demonstra uma capacidade incrível de superar esses desafios através da fé e da resiliência. A capacidade de Rute de se adaptar às circunstâncias difíceis é evidenciada em sua disposição de trabalhar nos campos para sustentar a si mesma e Noemi. Sua interação respeitosa, mas assertiva, com Boaz também indica sua força de caráter. Ela não se contenta em ser uma vítima passiva de suas circunstâncias, mas ativamente busca maneiras de melhorar sua situação.⁵⁹

A história de Rute serve como um lembrete importante de que a fé e a determinação podem prevalecer mesmo nos momentos mais difíceis. Sua capacidade de enfrentar adversidades, aliada à sua devoção a Noemi e a Deus, fala do potencial das mulheres para desafiar as estruturas de poder existentes e desempenhar um papel significativo na história de redenção de Deus. A narrativa de Rute oferece uma visão rica e multifacetada da vida das mulheres na sociedade do Antigo Testamento. Ela serve como um testemunho do poder da fé, resiliência e amor inabalável.

Para uma análise aprofundada da vida de Rute, é essencial examinar a dinâmica do gênero na sociedade do Antigo Testamento, que era fortemente inclinada para o patriarcado. Rute, apesar de viver em uma sociedade dominada por homens, desafia as normas sociais existentes de maneira sutil, mas significativa. Mesters enfatiza como a decisão de Rute de acompanhar Noemi, em

⁵⁹ ANDRADE, A. C. *A amizade no livro de Rute: identidades descentradas*. RIBLA 68 (2009), p. 29-40.

vez de voltar para a casa de seu pai após a morte de seu marido, revela sua força de caráter e a profundidade de seu relacionamento com Noemi. Sua jornada, embora marcada por adversidades, é também uma história de fé, determinação e resiliência, mostrando que as mulheres, mesmo em uma sociedade patriarcal, podem desafiar as estruturas de poder existentes e ter um papel significativo na história de redenção de Deus.⁶⁰

2.2 Migração, Espiritualidade e Superação: A Peregrinação de Rute e Noemi

Rute e Noemi experimentaram, em suas vidas, a dor da viuvez e a adversidade da migração. Essas mulheres, da terra de Moabe à cidade de Belém, enfrentaram obstáculos e incertezas com coragem e determinação. A peregrinação começa com uma fome intensa em Belém, a "casa do pão", que força Noemi e sua família a buscar refúgio em Moabe, um lugar historicamente desdenhado pelos israelitas.⁶¹ Após a morte de seus maridos, a viuvez coloca Rute e Noemi em uma situação vulnerável, obrigando-as a retornar a Belém. A viagem de Moabe para Belém não é apenas física, mas também espiritual. Rute, apesar de sua origem moabita, decide seguir o Deus de Noemi, demonstrando uma fé profunda e abnegada.

O retorno a Belém - a "*casa do pão*" - não traz imediatamente a plenitude desejada. Em vez disso, Noemi e Rute encontram-se em uma situação de extrema carência. A falta de "pão" simboliza tanto a fome física quanto a necessidade espiritual. As mulheres, marginalizadas e sem apoio, enfrentam uma situação de quase desamparo.⁶²

⁶⁰ MESTERS, 1985, p. 78.

⁶¹ KOLATCH, Alfred J. *Livro judaico dos porquês*. São Paulo: Sefer, 1996. v.1, p. 91.

⁶² MESTERS, Carlos. *Rute, uma história da Bíblia: pão, família, terra, quem vai por aí não erra*. São Paulo: Paulinas, 1985, p. 79.

Noemi, em sua angústia, expressa essa situação de privação quando declara que retornou vazia de Moabe (Rt 1:21). Esta é uma observação pungente, retratando não apenas a perda material, mas também a desolação emocional e espiritual. No entanto, Rute e Noemi superam essa adversidade através da fé e da iniciativa. A fé de Rute é evidenciada quando ela escolhe ficar com Noemi e adotar o Deus de Noemi como seu próprio Deus, a despeito das circunstâncias.

A superação dessas dificuldades pelos personagens principais demonstra o poder da resiliência e da fé. A migração de Rute e Noemi é mais do que apenas uma mudança geográfica; é uma jornada espiritual que reflete o caminho de adversidades para a superação⁶³. Em resumo, o relato de Rute e Noemi apresenta uma jornada de superação, destacando as complexidades e as dificuldades enfrentadas pelas mulheres no Antigo Testamento. Por meio da fé, resiliência e amor, essas mulheres demonstram que é possível superar até mesmo as adversidades mais desafiadoras.

3. A INTERVENÇÃO CRISTOCÊNTRICA E ASCENSÃO DE RUTE: UMA LEITURA TEOLÓGICA DA GRAÇA DIVINA NO ANTIGO TESTAMENTO

3.1 Intervenção Divina e Provisão na Vida de Rute: da adversidade à graça

A vida de Rute no Antigo Testamento é uma demonstração poderosa da intervenção e provisão divinas. A história de Rute é uma história de adversidade, superação e graça divina - uma narrativa que ilustra a ação de Deus nos momentos mais difíceis. A intervenção divina é vista de forma mais tangível no

⁶³ MESTERS, Carlos. *Casos de imaginação criativa*. In: Estudos Bíblicos, 42, Petrópolis: Vozes, 1994, p. 20-27.

milagre de Rute encontrar Boaz no campo. Este encontro, que muda o curso de sua vida, é apresentado como um acaso, mas há uma forte implicação da providência divina no texto. É a graça de Deus que guia Rute ao campo de Boaz, um homem que desempenhará um papel transformador em sua vida.⁶⁴

Boaz, um homem temente a Deus e justo, é uma figura semelhante a Cristo, seu comportamento exemplifica os princípios fundamentais do Cristianismo: amor, justiça e misericórdia⁶⁵. Sua influência na vida de Rute é profunda, e sua disposição de agir como o redentor de Rute, de acordo com a lei mosaica, é um ato de graça que altera seu destino. A generosidade divina é uma constante no Livro de Rute. Como observa Silva⁶⁶, “o amor leal de Deus, ou *hesed*,” é visto em toda a narrativa. De seu cuidado constante por Rute e Noemi, à provisão de Boaz, a generosidade divina ressoa através de Rute. Deus, em Sua providência, cuida de Rute, guiando-a para uma terra estrangeira e, eventualmente, uma nova família⁶⁷.

O respeito e a preservação das tradições e da Lei Mosaica também são fundamentais na história de Rute. A Lei das Espigas, que permitia aos pobres recolherem as sobras após a colheita, era uma provisão divina para os necessitados. Rute, em sua humildade, recolhe o que é deixado para trás e, por meio dessa ação, é notada por Boaz, o que, de acordo com Brenner, leva a sua eventual redenção.⁶⁸ A história de Rute é uma demonstração vibrante da graça de Deus em ação. Através de sua provisão e intervenção, vemos o amor de Deus por Sua criação e Seu cuidado pelos marginalizados. É uma história que ressoa com a

⁶⁴ BRUEGGEMANN, W. *Reverberations of Faith: A Theological Handbook of Old Testament Themes*. Louisville: Westminster John Knox Press, 2002, p. 62.

⁶⁵ ARELLANO, Lucio Rubén Blanco. *"Para uma masculinidade de doação."* *Ribla*, 56, Petrópolis: Vozes, 2007, p. 72-89.

⁶⁶ SILVA, Aldina. *Rute: um evangelho para a mulher de hoje*. São Paulo: Paulinas, 2002.

⁶⁷ FERREIRA, Joel Antônio. *"Rute e Boás: o amor destrona o sectarismo."* In: *Fragmentos de cultura*. V. 24. Goiânia, PUC-Goiás, 2014, p. 329-336.

⁶⁸ BRENNER, A. *A Mulher Israelita: Papel Social e Modelo Literário na Narrativa Bíblica*. São Paulo: Paulinas, 2001.

promessa de Deus de que mesmo em nossos momentos mais sombrios, Ele está trabalhando para o nosso bem.

O encontro de Rute com Boaz, apresentado como um mero acaso, na verdade revela uma intervenção divina direta que muda a trajetória de sua vida. Brueggemann assevera que este encontro, bem como a subsequente ação de Boaz como redentor de Rute, serve “como evidência clara da providência divina em ação.” Da mesma forma, a demonstração de Boaz dos princípios do cristianismo - amor, justiça e misericórdia - ecoa a figura de Cristo e a promessa da graça divina.⁶⁹

3.2 Leis Sociais e Ascensão de Rute: Da Margem à Linhagem de Cristo

A narrativa de Rute no Antigo Testamento é uma história de transformação de vida. Dentre as leis sociais do Antigo Testamento, a Lei do Levirato desempenha um papel crucial em sua história. A Lei do Levirato, como estabelecido em Deuteronômio 25:5-10, estipula que se um homem morrer sem filhos, seu irmão deveria casar-se com a viúva e o primeiro filho seria considerado descendente do irmão falecido.⁷⁰ Na história de Rute, é esta lei que permite a Boaz, um parente próximo, casar-se com Rute e assegurar o bem-estar dela e de Noemi.

Boaz, ao aceitar casar-se com Rute, não só garante a sobrevivência dela, mas também permite que ela saia da marginalização social para se tornar parte do povo de Israel.⁷¹ É uma história que exemplifica as leis sociais do Antigo

⁶⁹ BRUEGGEMANN, 2002, p. 127-135.

⁷⁰ WEISBERG, Dvora E. *Levirate Marriage and the Family in Ancient Judaism*. Boston: Brandeis University Press, 2006.

⁷¹ STEINMETZ, Avraham. *O Guia. Fundamentos Judaicos para iniciantes*. São Paulo: Chabad, 1996, p. 65.

Testamento em ação, transformando vidas e oferecendo esperança para os marginalizados. O nascimento de Obed, filho de Rute e Boaz, não só legitima a posição de Rute na sociedade, mas também a coloca na linhagem de Cristo⁷². Sua inclusão na genealogia de Cristo, como relatado em Mateus 1, é uma demonstração do plano inclusivo e justo de Deus. Uma mulher estrangeira, uma moabita, se torna parte da linhagem de Cristo, subvertendo as expectativas sociais e religiosas da época⁷³.

A inclusão de Rute na genealogia de Cristo é também um testemunho do amor e misericórdia de Deus. Ele não faz distinção de pessoas, mas oferece a todos, independentemente de sua origem ou status, um lugar em Seu reino.⁷⁴ Rute, com sua lealdade e fé, é acolhida por Deus em Sua família.

Segundo Brenner, “o respeito e a preservação das tradições e da Lei Mosaica”, como exemplificado pela Lei da Respiga, são vitais para a narrativa de Rute e o caminho para sua redenção. A Lei do Levirato, que desempenha um papel central na história de Rute, também é um exemplo de uma lei social do Antigo Testamento que oferece proteção e providência para os marginalizados. Através desta lei, Rute é capaz de casar-se com Boaz, garantindo não apenas sua sobrevivência, mas também sua aceitação na sociedade israelita.⁷⁵

A história de Rute é um relato notável de ascensão social, de marginalização à linhagem de Cristo. É uma história que fala de intervenção divina, leis sociais justas e inclusão no plano divino. O papel crucial desempenhado pelas leis sociais e culturais do Antigo Testamento na trajetória de

⁷² BENTHO, Esdras Costa. *A família no Antigo Testamento: história e sociologia*. Rio de Janeiro: CPAD, 2006, p. 96.

⁷³ JUNIOR, Robert B. Chisholm. *A história de Rute*. São Paulo: Cultura Cristã, 2021, p. 133.

⁷⁴ DUSILEK, Nancy Gonçalves. *O grito das incluídas: As cinco mulheres da genealogia de Jesus*. São Paulo: Editora Vida, 2023, p. 41.

⁷⁵ BRENNER, 2001, p. 119.

Rute demonstra o cuidado de Deus para com os marginalizados e Sua justiça operante na sociedade.

CONCLUSÃO

A narrativa de Rute e Noemi é uma crônica de fé, perseverança e transformação. De uma situação adversa, elas se elevam por meio de um alinhamento com a providência divina e uma intrínseca persistência. Como Von Rad reitera, Noemi e Rute “emergem do vazio para a plenitude, da amargura à alegria”⁷⁶. Elas não são meras sobreviventes, mas mulheres que transformam a adversidade em uma fonte de bênção, refletindo uma narrativa de redenção que ressoa através das Escrituras.⁷⁷

A fé de Rute, sua lealdade a Noemi e sua escolha de adotar o Deus de Israel, representam uma jornada de conversão e de encontro com o divino em meio ao deserto da vida. Noemi, por outro lado, mantém sua fé apesar de suas circunstâncias e é recompensada com a restauração de sua família e seu status social. Ambas mulheres demonstram uma resiliência espiritual que permeia suas vidas e define seu destino.⁷⁸

A relevância da genealogia na cultura hebraica é outro aspecto importante. Nas tradições do Antigo Testamento, a genealogia não é apenas uma lista de ancestrais, mas uma reivindicação de pertencimento, honra e herança.⁷⁹ Na narrativa de Rute, sua inclusão na genealogia de Davi e, posteriormente, de

⁷⁶ VON RAD, G. *Genesis: A Commentary*. London: SCM Press, 2002, p. 300.

⁷⁷ RUETHER, Rosemary Radford. *Mulheres curando a terra*. São Paulo: Paulinas, 2000, p. 104.

⁷⁸ BRENNER, 2001, p. 127.

⁷⁹ COSTA E SILVA, Lildo Olmiro. *Genealogia de Jesus Cristo em Mt 1,2-17*. Dissertação (Mestrado em Teologia). PUC-RJ, Rio de Janeiro, 1976, p. 78.

Jesus, serve para elevar seu status e legitimar sua aceitação no povo de Deus. Essa perspectiva é reforçada por evidências arqueológicas e textuais que atestam a importância das genealogias na sociedade israelita antiga.⁸⁰

As figuras femininas no Antigo Testamento são muitas vezes negligenciadas na interpretação bíblica, mas a história de Rute e Noemi oferece um vislumbre do papel crucial das mulheres na trama sagrada. A força, a lealdade e a sabedoria de Rute e Noemi são o coração pulsante desta história, e seu impacto na teodiceia cristã é profundo. A jornada de Rute e Noemi, de viúvas desprotegidas a mães ancestrais na linhagem de Cristo, é um testemunho do plano redentor de Deus que se estende além das barreiras culturais e sociais.⁸¹ A influência de Rute, a estrangeira, na linhagem de Cristo é um testemunho do amor inclusivo e da justiça de Deus. É uma história que desafia nossas concepções de marginalização e mostra como Deus pode transformar circunstâncias adversas em bênçãos duradouras.

Conclui-se, ao término desta reflexão que a beleza e a singularidade da história de Rute se estabelecem em um nível de extrema relevância no processo gradual de revelação de Deus no Antigo Testamento. Este pequeno, mas poderoso livro do Antigo Testamento, captura com vivacidade e profundidade a trama divina, o papel das mulheres, a importância das leis sociais, a onipresença da justiça mediante a graça de Deus em meio à adversidade. Através da lente de Rute, percebemos que Deus opera de maneiras misteriosas, mas sempre justas, rompendo barreiras culturais e sociais.

Em Rute e Noemi, encontramos figuras femininas cuja fé, lealdade e resiliência se destacam, desafiando as adversidades da vida e resplandecendo na

⁸⁰ SILVA, Airton José da. *Leitura socioantropológica do Livro de Rute*. Estudos Bíblicos, 98, Petrópolis: Vozes, 2008, p. 107-120.

⁸¹ ZENGER, Erich. *O Livro de Rute*. In: ZENGER, Erich et alii. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Loyola, 2016. p. 184-194

tapeçaria da história sagrada. Elas emergem das sombras da marginalização e da adversidade para a luz da aceitação e a inclusão. Sua história reitera que, na narrativa divina, nenhum ator é insignificante, nenhuma luta é em vão, e nenhum destino é imutável.

Em termos genealógicos, a inclusão de Rute na linhagem de Davi e, posteriormente, de Jesus, é uma poderosa afirmação do amor inclusivo e da justiça de Deus. Este aspecto reforça a relevância das genealogias na cultura hebraica, não apenas como um registro ancestral, mas também como uma proclamação de pertencimento, honra e herança.

Em última análise, a história de Rute é uma celebração do humano e do divino, uma crônica de amor e redenção, uma janela para a justiça e a graça divinas operantes na vida cotidiana. E, acima de tudo, é um lembrete eloquente de que Deus pode e, frequentemente, usa as circunstâncias mais desafiadoras para revelar Seu plano redentor.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, A. C. *A amizade no livro de Rute: identidades descentradas*. RIBLA 68, 2009.

ANTONIAZZI, Alberto; BROSHUIS, Inês; PULGA, Rosana. *O ABC da leitura da Bíblia*. São Paulo: Paulus, 2003.

ARELLANO, Lucio Rubén Blanco. *Para uma masculinidade de doação*. Ribla, 56, Petrópolis: Vozes, 2007.

- BAL, Mieke. *Heroísmo e nomes próprios, ou os frutos da analogia*. In: BRENNER, Athalia. *Rute, a partir de uma leitura de gênero*. São Paulo: Paulinas, 2002.
- BENTHO, Esdras Costa. *A família no Antigo Testamento: história e sociologia*. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.
- BRENNER, A. *A Mulher Israelita: Papel Social e Modelo Literário na Narrativa Bíblica*. São Paulo: Paulinas, 2001.
- BRENNER, Athalya. *A Mulher Israelita: papel social e modelo literário na narrativa bíblica*. São Paulo: Paulinas, 2001.
- BRUEGGEMANN, W. *Reverberations of Faith: A Theological Handbook of Old Testament Themes*. Louisville: Westminster John Knox Press, 2002.
- CERESKO, Anthony R. *A Sabedoria do Antigo Testamento: Espiritualidade Libertadora*. São Paulo: Paulus, 2004.
- COSTA E SILVA, Lildo Olmiro. *Genealogia de Jesus Cristo em Mt 1,2-17*. Dissertação (Mestrado em Teologia). PUC-RJ, Rio de Janeiro, 1976.
- DUSILEK, Nancy Gonçalves. *O grito das incluídas: As cinco mulheres da genealogia de Jesus*. São Paulo: Editora Vida, 2023.
- FERREIRA, Joel Antônio. *Rute e Boás: o amor destrona o sectarismo*. In: *Fragmentos de cultura*. V. 24. Goiânia, PUC-Goiás, 2014.
- FRIZZO, Antonio Carlos. *A Trilogia Social: estrangeiro, órfão e viúva no Deuteronômio e sua recepção na Mishná*. Tese de doutorado em Teologia. Rio de Janeiro: PUC-Rio/Departamento de Teologia, 2009.
- JUNIOR, Robert B. Chisholm. *A história de Rute*. São Paulo: Cultura Cristã, 2021.
- KOLATCH, Alfred J. *Livro judaico dos porquês*. São Paulo: Sefer, 1996. v.1.
- KRAUS, Hans-Joachim. *História da pesquisa do Antigo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal, 2002.

MESTERS, Carlos. *Casos de imaginação criativa*. In: Estudos Bíblicos, 42, Petrópolis: Vozes, 1994.

MESTERS, Carlos. *Rute, uma história da Bíblia: pão, família, terra, quem vai por aí não erra*. São Paulo: Paulinas, 1985.

PÁDUA GRACIA, C. *Uma leitura do livro de Rute: mulheres pobres e transgressoras do judaísmo*. Estudos Bíblicos 114, 2012.

RUETHER, Rosemary Radford. *Mulheres curando a terra*. São Paulo: Paulinas, 2000.

SILVA, Aldina. *Rute: um evangelho para a mulher de hoje*. São Paulo: Paulinas, 2002.

SILVA, Airton José da. *Leitura socioantropológica do Livro de Rute*. Estudos Bíblicos, 98, Petrópolis: Vozes, 2008.

SOMMER, Benjamin D. *The Bodies of God and the World of Ancient Israel*. Cambridge University Press, 1990.

SOLES, Jame Clarck. *Women in the Bible: Interpretation: Resources for the Use of Scripture in the Church*. Westminster John Knox Press, 2012.

STEINMETZ, Avraham. *O Guia. Fundamentos Judaicos para iniciantes*. São Paulo: Chabad, 1996.

STORNILO, Ivo. *Como ler o Livro de Rute*. São Paulo: Paulus, 1998.

VINCENT, Marvin Richardson. *The Synoptic Gospels. Acts Of The Apostles. Epistles Of Peter, James And Jude*. Palala Press, 2018.

VON RAD, G. *Genesis: A Commentary*. London: SCM Press, 2002.

WEISBERG, Dvora E. *Levirate Marriage and the Family in Ancient Judaism*. Boston: Brandeis University Press, 2006.

ZENGER, Erich. *O Livro de Rute*. In: ZENGER, Erich et alii. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Loyola, 2016.

METODOLOGIAS ATIVAS NA ESCOLA BÍBLICA DOMINICAL: NOTAS INTRODUTÓRIAS E REFLEXÕES PRELIMINARES

Francikley Vito⁸²
Idiane Barbosa⁸³

RESUMO

A educação cristã pentecostal tem como sua principal expressão regular de ensino a *Escola Bíblica Dominical*; entidade centenária que, durante os seus muitos anos de história, vem fomentando os discurso e valores que esteiam as crenças cristãs, de forma geral, e pentecostais, de forma específica. No Brasil, as escolas dominicais têm demonstrado sua vitalidade na *esfera religiosa* na medida em que renova constantemente seus métodos e formatos para atender a um público cada vez mais crescente. Esse trabalho, diante desses fatos, pretende traçar alguns paralelos entre as *Metodologias Ativas*, tão propaladas na atualidade, e as práticas pedagógicas presentes na Escola Bíblica Dominical em momentos diversos de sua atuação histórica.

Palavras-chaves: Educação Cristã; Escola Bíblica Dominical; Metodologias Ativas

ABSTRACT

⁸² Doutorando e mestre em Letras (Universidade Mackenzie). Formado em Teologia, Letras e Pedagogia com pós-graduação e Ensino religioso e Psicopedagogia. É tutor e professor na UniFaveni (Guarulhos/SP). E-mail: francikley.vito@gmail.com

⁸³ Mestranda em Educação. Formada em Pedagogia e Artes Visuais é pós-graduada em Dificuldades na Aprendizagem. E-mail: idianebarbosa@yahoo.com.br

Pentecostal Christian education has as its main regular expression of teaching the Sunday Bible School; century-old entity that, during its many years of history, has been promoting the discourse and values that underpin Christian beliefs, in general, and Pentecostals, specifically. In Brazil, Sunday schools have demonstrated their vitality in the religious sphere as they constantly renew their methods and formats to serve an ever-increasing public. This work, in view of these facts, intends to draw some parallels between the Active Methodologies, so widespread nowadays, and the pedagogical practices present in the Sunday Bible School in different moments of its historical performance.

Keywords: Christian Education; Sunday Biblical School; Active Methodologies

1. METODOLOGIAS ATIVAS – NOTAS INTRODUTÓRIAS

Educar é primordialmente conduzir, guiar. Em uma reflexão e aplicação mais prática daquilo que se chama de *educação*, o educador e teólogo Richard Shaull, em interpretação ao educador brasileiro Paulo Freire (1921 – 1997) afirmou que “não existe tal coisa como um processo de educação neutra. Educação ou funciona como um instrumento que é usado para facilitar a integração das gerações na lógica do atual sistema e trazer conformidade com ele, ou ela se torna a ‘prática da liberdade’, o meio pelo qual homens e mulheres lidam de

forma crítica com a realidade e descobrem como participar na transformação do seu mundo”⁸⁴.

Não se pode conduzir alguém sem que se estabeleça um caminho por onde seguir. Nesse sentido, como bem lembrado por Belluzzo, “vivenciamos uma sociedade *aprendente* que, assim como a vida, se flexibiliza, se adapta, instaura redes de relações e cria. Educar nesse cenário é, portanto, fazer acontecer formas inovadoras de experiências de aprendizagem pessoal e coletiva”;⁸⁵ o que, em última instância, implica a necessidade de nos moldar a novas formas de se fazer uma educação que não esteja necessariamente baseada em métodos anteriormente usados, mas em novas e dinâmicas maneiras de lidar com novas e dinâmicas realidades e desafios que se colocam diante de todos aqueles que militam no trabalho professoral, e isso aplica-se de igual modo ao professorado secular e cristão. Ainda segundo Belluzzo:

É possível perceber a riqueza desta [abordagem] a partir da escolha de seu foco de atenção - metodologias ativas de ensino e aprendizado - e também por uma primorosa sistematização de novas lógicas educacionais que se fazem necessárias em contexto social em que as inovações se impõem. Nesse sentido, [...] traz excelente material para quem estuda ou desenvolve crescente busca por metodologias inovadoras que possibilitem uma *práxis* pedagógica capaz de ultrapassar os limites do treinamento puramente técnico e tradicional, para efetivamente alcançar a formação do sujeito como um ser ético, histórico, crítico, reflexivo, transformador e humanizado. [...]. Oferecem insumos teóricos e práticos sobre o que representam novas formas de ensino e

⁸⁴ SHAULL, Richard. Foreword. In *Pedagogy of the Oppressed 30th Anniversary Edition*. New York/London: Continuum International Publishing Group, 2011, p. 29

⁸⁵ SANTOS, Célia Maria Retz Godoy dos; FERRARI, Maria Aparecida (org.). *Aprendizagem ativa*. Bauru/SP: Universidade Estadual Paulista, 2017, p.6.

aprendizagem sob o enfoque da era digital que vivenciamos e das transformações dela decorrentes, onde as aulas expositivas não mais conseguem preencher e atingir as expectativas da sociedade contemporânea. Concebe-se o processo de ensino-aprendizagem como um *continuum* – delimitado no tempo e no espaço – de forma a propiciar aos professores e alunos aprendizagem significativa, correspondente às exigências sociais cotidianas.⁸⁶

Afirma-se ainda que “as metodologias ativas constituem-se como alternativas pedagógicas que colocam o foco no processo de ensino e de aprendizagem nos aprendizes, envolvendo-os na aquisição de conhecimento por descoberta, por investigação ou resolução de problemas numa visão de escola como comunidade de aprendizagem (onde há participação de todos os agentes educativos, professores, gestores, familiares e comunidade de entorno e digital)”⁸⁷.

Desde muito tempo, a reflexão sobre o “método” (sobre o melhor caminho a se tomar em práticas de ensino) vem mobilizando pesquisadores, educadores, professores e filósofos.⁸⁸ Pensar sobre a melhor metodologia para a execução de uma tarefa é algo extremamente importante para qualquer ação, em especial a ação pedagógica. Por muito tempo pensou-se no professor como a única ligação entre o educando e o conhecimento. Mas essa concepção tem sido mudada pouco a pouco por novas metodologias que trazem o aluno para o centro da ação pedagógica.

As chamadas tecnologias da educação, têm como principal intuito auxiliar o professor, especialmente o professor da Educação

⁸⁶ SANTOS; FERRARI, 2017, p. 6.

⁸⁷ MORAN, José. *Metodologias ativas de bolso*. São Paulo: Editora do Brasil, 2019, p. 7.

⁸⁸ LUCKESI, C. C. *Filosofia da Educação*. São Paulo: Cortez, 1994.

Básica a executar sua ação didático-pedagógica com maior eficiência.⁸⁹ Mas como sabemos, a tecnologia na educação já é uma realidade e precisa ser adotada efetivamente no contexto de sala de aula. Apesar disso, muitos não sabem como implementá-lo em suas aulas, por ser um recurso recente e complexo.

Complexo principalmente para muitos das gerações que não estavam acostumadas com essas tecnologias e seu adentramento em sala de aula. Tomando sempre por base o fato de que a educação é um processo que objetiva promover o desenvolvimento integral das pessoas, fornecendo conhecimento, habilidades e valores necessários para que elas possam se tornar membros ativos, críticos e conscientes na sociedade.⁹⁰

Metodologias ativas são abordagens pedagógicas que movem o estudante para o centro do processo de aprendizagem, incentivando sua participação ativa, autônoma e colaborativa⁹¹. Ao contrário do modelo tradicional de ensino, em que o professor desempenha um papel central na transmissão de conhecimento, as metodologias ativas buscam engajar os alunos de forma mais dinâmica e interativa.

Essas abordagens valorizam o protagonismo do aluno, estimulando sua capacidade de investigação, reflexão crítica, resolução de problemas e trabalho em equipe, dentre outras habilidades de ordem

⁸⁹ CHRISTENSEN, Clayton M.; HORN, Michael B.; JOHNSON, Curtis W. *Inovação na sala de aula: como a inovação disruptiva muda a forma de aprender*. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2012

⁹⁰ PERISSÉ, G. *Introdução à filosofia da educação*. São Paulo: Autêntica, 2008.

⁹¹ BACICH, Lilian; MORAN, José (org.). *Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática*. Porto Alegre: Penso, 2018. Livro digital.

motoras e/ou psicológicas.⁹² As metodologias ativas incentivam os estudantes a serem protagonistas de seu próprio aprendizado, tornando-os responsáveis pela construção do conhecimento. Existem várias metodologias ativas que podem ser aplicadas em sala de aula. Dentre essas metodologias destacaremos algumas que podem servir de esteio para a reflexão crítica e construtiva que nos propomos a fazer nesse texto. São elas:

1. Aprendizagem baseada em problemas (ABP): Os estudantes trabalham em grupos para resolver problemas do mundo real. Eles são desafiados a investigar, analisar e encontrar soluções, aplicando conhecimentos teóricos na prática.
2. Aprendizagem baseada em projetos (ABPr): Os estudantes realizam projetos de longo prazo, nos quais devem planejar, pesquisar, executar e apresentar resultados. Essa abordagem promove a colaboração, criatividade e resolução de problemas complexos.
3. Aprendizagem colaborativa: Os estudantes trabalham em grupos, compartilhando conhecimentos, discutindo ideias e solucionando problemas juntos. A colaboração estimula a troca de experiências e a construção coletiva do conhecimento.
4. Sala de aula invertida: Os estudantes estudam o conteúdo antes da aula, por meio de materiais preparados pelo professor, como vídeos

⁹² BACICH, Lilian; HOLANDA, Leandro (org.). *STEAM em sala de aula: a aprendizagem baseada em projetos integrando conhecimentos na educação básica*. Porto Alegre: Penso, 2020. Livro digital.

ou leituras. Durante o tempo de aula, eles participam de atividades práticas, discussões e esclarecem dúvidas.

5. Aprendizagem por pares: Os estudantes são divididos em duplas ou grupos pequenos, onde ensinam e aprendem uns com os outros. Essa abordagem incentiva a troca de conhecimentos e a responsabilidade mútua pelo aprendizado.
6. Gamificação: Os estudantes usam elementos de jogos, que são incorporados ao processo de aprendizagem, como desafios, recompensas e rankings. Isso aumenta o engajamento dos estudantes e torna a aprendizagem mais divertida e envolvente.
7. Design *thinking*: Os estudantes aplicam os princípios do design para resolver problemas complexos. Eles seguem um processo estruturado, que envolve empatia, ideação, prototipagem e testes de soluções.

No livro que se tornou uma espécie de manual e resumo para o conhecimento do que é e de como funcionam as metodologias ativas, *Metodologias ativas de bolso*, Moran admite que essas são apenas algumas das muitas metodologias ativas existentes.⁹³ Cada abordagem tem suas características específicas, mas todas compartilham o objetivo de promover a *participação ativa* dos estudantes e desenvolver habilidades como *pensamento crítico*, *colaboração* e *autonomia*. Ao estudante e praticante das metodologias ativas⁹⁴, não se pode deixar de notar que elas são metodologias, caminhos, que têm

⁹³ MORAN, 2019.

⁹⁴ BACICH; MORAN, 2018.

com intuito primeiro proporcionar participação ativa dos estudantes no processo de ensino e aprendizagem, bem como desenvolver nessas estudantes habilidades cognitivas e morais na construção da autonomia pessoal e colaboração social.

2. ESCOLA BÍBLICA DOMINICAL – REFLEXÕES PRELIMINARES

A Escola Bíblica Dominical (também chamada de EBD) – assim denominada por sua vinculação às narrativas e discursividade bíblicas, – é um programa educacional oferecido por muitas igrejas cristãs, especialmente aquelas de tradição protestante.⁹⁵ Um espaço destinado ao estudo da Bíblia e ao ensino das doutrinas e princípios cristãos.

O objetivo principal da Escola Bíblica Dominical é proporcionar um ambiente de aprendizado e crescimento espiritual, onde os participantes possam aprofundar seu conhecimento da Bíblia, compreender suas mensagens e aplicar seus ensinamentos em suas vidas ensinadas.⁹⁶ As aulas são ministradas por líderes e/ou professores, que geralmente são membros da própria igreja ou convidados.

⁹⁵ VITO, Francikley; FRANCISCO, Caramuru A.; FAJARDO, Maxwell. *Escola Bíblica Dominical, história doutrinas e práticas pedagógicas*. Joinville/SC: Editora Santorini, 2023.

⁹⁶ GILBERTO, Antônio. *Manual da Escola Dominical*. (Edição comemorativa de 70 anos da primeira publicação). Rio de Janeiro: CPAD, 2014.

Ao refletir e conceituar aquilo que seria a EBD, Antônio Gilberto, teólogo assembleiano, afirma que ela é uma “agência de formação religiosa popular” e, de forma um tanto quanto mais poética, o autor afirma que “a Escola Dominical, devidamente funcionando, é o povo do Senhor, no dia do Senhor, estudando a Palavra do Senhor, na casa do Senhor”⁹⁷

Vale ressaltar que a estrutura e o formato da Escola Bíblica Dominical podem variar entre diferentes denominações e igrejas. Algumas igrejas podem seguir currículos específicos, enquanto outras podem adotar abordagens mais flexíveis. No entanto, o objetivo fundamental é sempre o mesmo, a saber, promover o crescimento espiritual e o conhecimento bíblico entre os membros das igrejas, capacitando-os a viver uma vida cristã e compartilhar sua fé com os outros, criando assim uma rede de comunicação para propagação das crenças cristãs e pentecostal⁹⁸.

Um primeiro ponto que precisamos abordar na tentativa de *estabelecer pontos de contato* entre as metodologias ativas e as práticas pedagógicas na Escola Bíblica Dominical, é o objeto em que se concentra as práticas de EBD, ou seja, o aluno. Como uma agência de formação religioso, desde os seus primórdios, as escolas bíblicas tiveram o aluno como objeto norteador de suas ações, seja suas ações socioeducativas, sejam suas ações didáticas-discursivas.

⁹⁷ GILBERTO, 2014, p. 126, 125.

⁹⁸ POMMERENING, Claiton Ivan. *Fábrica de pastores: interfaces e divergências entre educação teológica e fé cristã comunitária na teologia pentecostal* (Tese doutoral). Escola Superior de Teologia. São Leopoldo/RS, 2016.

Como mostrado por pesquisador assembleiano existem versões divergentes a respeito do momento histórico em que as escolas dominicais foram criadas, mas aceita-se que em 1780, o reformador inglês Robert Raikes (1736 – 1811) fundou a primeira “Escola Dominical” moderna em Gloucester, na Inglaterra.⁹⁹ Ele era um jornalista, reformador social e cristão anglicano, preocupado com a situação das crianças pobres e órfãs que trabalhavam nas fábricas durante a semana e que viviam em condições precárias. Raikes viu naqueles encontros semanais uma forma de fornecer educação básica e ensinamentos religiosos a algumas crianças nos domingos, o único dia de folga que tinham. A iniciativa, acabou por se configurar como o marco histórico e modelar para as primeiras escolas públicas na Inglaterra.

Como afirmado categoricamente por Moran, “as metodologias ativas dão ênfase ao papel de protagonista dos aprendizes na sua relação dinâmica com todos os participantes e componentes do processo de ensino e aprendizagem, especialmente com os docentes”¹⁰⁰ e nisso temos um ponto de contato entre essas metodologias e as práticas de ensino da Escola Bíblica Dominical que, desde o seus primeiros anos de atuação, histórica e pedagogicamente colocou o *aluno como centro da ações educativas*, seja no que diz respeito às suas ações espaço-temporais-social, seja em suas ações pedagógicas.

⁹⁹ FAJARDO, Maxwell. *Onde a luta se travar*. 2ª ed. São Paulo: Editora Recriar, 2019.

¹⁰⁰ MORAN, 2019, p. 8.

Um segundo ponto a ser refletido é que as escolas comunitárias de ensino bíblico, a Escola Bíblica Dominical, desenvolve suas ações de ensino e de aprendizagem prezando sempre pela *interação entre os estudantes* que também são participantes desse processo. Nas metodologias ativas o “aprendiz recria ou refaz o ensinado, como sujeito do próprio conhecimento”, mirando um crescimento autônomo; é “uma prática requerida de uma educação a favor da autonomia, transformadora, ao construir o caminho com o educando, para que esse possa pesquisar posteriormente por conta própria, como sujeito do conhecimento”¹⁰¹.

Quem acompanha ou já acompanhou uma aluna de Escola Bíblica Dominical, saberá que nesses espaços educativos o conhecimento é construído, nutrido e retrabalhado para proporcionar ao aluno os instrumentos didáticos e cognitivos necessários para a apropriação, reinterpretação e aplicação dos ensinamentos e discurso apresentados. Não é difícil observar que, durante a interação em sala de aula, os alunos vão dialogando mutuamente com o propósito de reajustar e aplicar os conhecimentos adquiridos e compartilhados a áreas específicas de suas vivências, resultando em uma verdadeira construção coletiva de conhecimento; fortalecidas pelo diálogo e práticas vivenciais, o que resulta em uma autonomia educacional e discursiva para o aprendizado.

Por fim, pensemos em um terceiro ponto de contato entre as metodologias ativas e o ensino em Escola Bíblica Dominical, a saber, o conceito de *sala invertida* ou *aula invertida* que, segundo os

¹⁰¹ SANTOS; FERRARI, 2017, p. 19, 20.

pesquisadores que deram origem ao termo, pode ser entendida da seguinte forma: “basicamente, o conceito de sala de aula invertida é o seguinte: o que tradicionalmente é feito em sala de aula, agora é executado em casa, e o que tradicionalmente é feito como trabalho de casa, agora é realizado em sala de aula”¹⁰². Apesar de aplicar sua metodologia primordialmente à alunos do ensino fundamental, o que os autores propõem é uma maior interação e uma dinâmica mais fluída em sala de aula. Em outros termos, a metodologia de sala de aula invertida propõe é o engajamento do estudante na construção do seu conhecimento, tendo o professor como mediador dessa construção.

Ao refletir sobre os propósitos e objetivos da Escola Dominical, Gilberto argumenta que o ensino dessa instituição precisa “cooperar eficazmente com o lar [...] instilando neles os hábitos, ideias e princípios cristãos [...] resultando em contínua moldagem do caráter cristã [...] para um real aproveitamento”¹⁰³ fora dos muros da igreja local. Não há como não perceber que no centro dos princípios que direcional a ação pedagógica nas EBDs está a ideia de que o aluno deve ser nutridor de si mesmo, uma gente ativo da construção do seu conhecimento. Esse conhecimento não é apenas transmitido para o aluno, ele é buscado, alcançado, resignificado e propagado pelo aluno em sua interação constante com a realidade na qual vive. No contexto das escolas bíblicas, sobretudo em nossos dias, a sala de aula não é, definitivamente, um lugar de construção passiva do conhecimento; ao

¹⁰² BERGMANN, J.; Sams, A. *Sala de Aula Invertida: uma metodologia ativa de aprendizagem*. 1. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2020, p. 11

¹⁰³ GILBERTO 2014, p. 140 – 146.

contrário, é um lugar dialógico de construção de um conhecimento que tem o aluno como centro motor da ação pedagógica e a autonomia como lugar de chegada.

CONCLUÃO

Uma das grandes características das Metodologias ativas é possibilitar que o estudante se torne protagonista de seu próprio aprendizado, que ele “tome as rédeas” de sua construção de aprendizado. Para que isso seja possível, o professor pode utilizar diversos métodos de ensino (diversos caminhos e abordagens), como sala de aula invertida, aprendizagem híbrida, gamificação, dramatização, *design thinking*, entre outros que podem aparecer – e aparecem em diversos manuais que tratam das metodologias ativas para a aprendizagem.

É crido, pela maioria dos cristãos, que “a Igreja, portanto, tem uma função importantíssima e indelegável: o de ensinar as pessoas a servir a Cristo, a caminhar com o Senhor. Para que a pessoa aprenda a servir ao Senhor, é preciso que conheça as Escrituras” e isso se daria “para que a pessoa aprenda a servir ao Senhor, é necessário que não erre e somente não erraremos se conhecermos a Palavra do Senhor (Mt.22:219; Mc.12:24). Por isso, a tarefa de ensino da Igreja é a do ensino da Palavra de Deus, do ensino das Escrituras”¹⁰⁴.

Um reexame a respeito da importância e relevância da Escola Bíblica Dominical para a construção educacional e formação do

¹⁰⁴ VITO, FRANCISCO, FAJARDO, 2023, p. 25.

cristão na contemporaneidade, pensamos nós, deve passar pela observação do lugar pedagógico que ele desempenha nos dias atuais; esse é um desafio de pesquisa, estudo e vivências.

REFERÊNCIAS

- BACICH, Lilian; HOLANDA, Leandro (org.). STEAM em sala de aula: a aprendizagem baseada em projetos integrando conhecimentos na educação básica. Porto Alegre: Penso, 2020. Livro digital.
- BACICH, Lilian; MORAN, José (org.). Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso, 2018. Livro digital.
- BERGMANN, J.; Sams, A. Sala de Aula Invertida: uma metodologia ativa de aprendizagem. 1. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2020.
- BRASIL. LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996 (LDB). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em 12/11/22.
- CHRISTENSEN, Clayton M.; HORN, Michael B.; JOHNSON, Curtis W. Inovação na sala de aula: como a inovação disruptiva muda a forma de aprender. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2012.
- FAJARDO, Maxwell. *Onde a luta se travar*. 2ª ed. São Paulo: Editora Recriar, 2019.

- GILBERTO, Antônio. *Manual da Escola Dominical*. (Edição comemorativa de 70 anos da primeira publicação). Rio de Janeiro: CPAD, 2014.
- LUCKESI, C. C. *Filosofia da Educação*. São Paulo: Cortez, 1994.
- MORAN, José. *Metodologias ativas de bolso*. São Paulo: Editora do Brasil, 2019.
- PERISSÉ, G. *Introdução à filosofia da educação*. São Paulo: Autêntica, 2008.
- POMMERENING, Claiton Ivan. *Fábrica de pastores: interfaces e divergências entre educação teológica e fé cristã comunitária na teologia pentecostal* (Tese doutoral). Escola Superior de Teologia. São Leopoldo/RS, 2016.
- SANTOS, Célia Maria Retz Godoy dos; FERRARI, Maria Aparecida (org.). *Aprendizagem ativa*. Bauru/SP: Universidade Estadual Paulista, 2017.
- SHAULL, Richard. Foreword. In *Pedagogy of the Oppressed 30th Anniversary Edition*. New York/London: Continuum International Publishing Group, 2011.
- VITO, Francikley; FRANCISCO, Caramuru A.; FAJARDO, Maxwell. *Escola Bíblica Dominical, história doutrinas e práticas pedagógicas*. Joinville/SC: Editora Santorini, 2023.

LIMITES DA AÇÃO PASTORAL: PRÁTICAS DE CUIDADO E/OU ESGOTAMENTO MINISTERIAL?

Yhur Brulinger Pavei¹⁰⁵

Elias Mande Laurindo André¹⁰⁶

RESUMO

Este artigo nasceu de experiências de Estágio Supervisionado do curso de Bacharel em Teologia da Faculdade Refidim. Nas quais houve a oportunidade de vivenciar de perto das funções relacionadas à ação pastoral, bem como construir novas sensibilidades aos limites dessas funções e as possíveis implicações de quando esses limites são ultrapassados. Uma das possíveis implicações de quando se ultrapassa os limites da função pastoral apontados nesse trabalho é o esgotamento ministerial que pode se apresentar de diversas formas. Para melhor compreensão das funções pastorais e seus limites além da reflexão a partir de referenciais bibliográficos que já vêm se debruçando sobre este assunto, fizemos entrevistas com determinados pastores/líderes de comunidades eclesíásticas para uma compreensão mais objetiva a partir de vivências concretas. Percebeu que apesar da fadiga e desgastes estarem presentes em diversas formas/modos de exercícios laborais, não são inerentes as mesmas, portanto, podem ser prevenidas/evitadas a partir de uma compreensão correta da abrangência da função pastoral por exemplo e, da ação coletiva – coordenada entre pastores/líderes e liderados visando um cuidado mútuo.

Palavras-chave: Ação pastoral; Esgotamento ministerial; Vocação; Cuidado.

ABSTRACT

¹⁰⁵ Bacharel em Teologia pela Faculdade Refidim. Técnico em Eletromecânica pelo IFSC Araranguá. Servidor TAE do IFSC Campus Itajaí

¹⁰⁶ Doutorando em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professor do Bacharel em Teologia na Faculdade Refidim.

This article was born from the experiences of a Supervised Internship in the Bachelor of Theology course at Faculdade Refidim. In which there was the opportunity to experience closely the functions related to pastoral action, as well as to build new sensitivities to the limits of these functions and the possible implications of when these limits are exceeded. One of the possible implications of when one goes beyond the limits of the pastoral function pointed out in this work is the ministerial exhaustion that can present itself in different ways. For a better understanding of pastoral functions and their limits, in addition to reflection based on bibliographical references that have already been focusing on this subject, we conducted interviews with certain pastors/leaders of ecclesiastical communities for a more objective understanding based on concrete experiences. He realized that although fatigue and strain are present in different forms/modes of labor exercises, they are not inherent to them, therefore, they can be prevented/avoided from a correct understanding of the scope of the pastoral function, for example, and of collective action – coordinated between pastors/leaders and followers aiming at mutual care.

Keywords: Pastoral action; Ministerial burnout; Vocation; Careful.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos tem sido registrado um elevado aumento no número de pastores/líderes com frequentes experiências de desgaste físico, mental e emocional que a curto, médio ou longo prazo tende a produzir esgotamento ministerial nos mesmos. Tal esgotamento tem se manifestado por índices de adoecimentos (físico, psicoemocionais, etc) e em últimos casos levando a tentativas drásticas/radicais de escapes como o suicídio.

Esta é uma das questões que mobilizaram/sensibilizaram a necessidade desta reflexão sobre os limites da ação pastoral. A ideia nasceu da experiência da disciplina de Estágio Supervisionado I na área da Ação Missionária e Assistência Social do curso de Bacharel em Teologia da

Faculdade Refidim, segundo semestre letivo de 2019. Onde, na caminhada com o pastor local da Igreja Evangélica Assembleia de Deus de Itajaí/SC, foi possível verificar os anseios cotidianos de um pastor na tentativa de dar respostas com eficiência às inúmeras demandas dos indivíduos que chegavam à sua congregação. Percebendo as articulações e os esforços empreendidos pelo pastor foram surgindo questionamentos do tipo: Até que ponto isso seria benéfico para o pastor? Qual é a relação da ação pastoral e o autocuidado?

No ano seguinte (2020) essa reflexão se ampliara com a experiência do Estágio Supervisionado II, cuja ênfase temática foi Ação Pastoral e Práticas de Cuidado. Esse ano (2020) que pegou o mundo desavisado/despreparado para uma pandemia como a da COVID-19 (SARS-CoV-2) ampliou as demandas pastorais e suas crises a medida que (im)possibilitou diferentes formas de atuação ministerial. Com a elevada taxa de transmissão a Organização Mundial da Saúde – OMS viu na obrigação de declaração estado de calamidade global - Pandemia do novo Coronavírus¹⁰⁷.

Portanto, o que era uma doença isolada transformou-se numa pandemia que colocou praticamente nações em *lockdown*, forçando medidas drásticas de cuidado pessoal e coletivo. Igrejas, comércios, escolas tiveram de ser fechadas em termos de atendimento presencial. Contudo a busca por aconselhamento, auxílio e ação pastoral aumentou exponencialmente. Com uma doença que concomitantemente expôs as

¹⁰⁷ <https://www.unasus.gov.br/noticia/organizacao-mundial-de-saude-declara-pandemia-de-coronavirus>. <<acesso em jul/2023>>

desigualdades sociais em termos de possibilidades e condições de acesso aos tratamentos médicos e, afetou a todos independentemente da condição socioeconômica – colocando em pauta os questionamentos sobre os sentidos da existência humana à medida que escancarou a finitude e impotência humana diante de tamanho caos causado por um vírus. Diante disso, inúmeros pastores/líderes viram-se tensionados a dar respostas rápidas especialmente aos anseios escatológicos dos membros de suas igrejas.

Num contexto em que o isolamento social constituía umas principais formas de luta contra a proliferação da COVID-19 a tentativa de dar respostas rápidas a esses anseios fez da função pastoral uma profissão de risco, pois muitas vezes pastores/líderes tiveram que se colocar na linha de frente expondo-se a possibilidade de contaminação, muitas das vezes por não dispor de plataformas digitais que estivessem ao alcance dos seus membros, pela necessidade de visitação que os membros expressavam ou até mesmo quando precisavam consolar os membros que haviam perdido seus entes queridos durante a pandemia. Tais ações pastorais nessas circunstâncias levaram muitos pastores/líderes ao limite de sua capacidade física/mental, sendo que muitos deles antes da pandemia já estavam padecendo de certos sintomas de esgotamento ministerial.

Portanto, a percepção de desses sintomas ou quadro de esgotamento ministerial durante o Estágio Supervisionado II foi trampolim para a elaboração desse artigo. Considera-se fundamental refletir sobre as causas e condições desse esgotamento, como muitas vezes na tentativa de auxiliar/acolher aqueles que estão sob os seus cuidados pastores/líderes acabam se sobrecarregando em demasia, abraçando até funções administrativas que

não constituem parte da sua vocação causando prejuízos para si, para sua família e para a própria igreja. Nesse âmbito vale alguns questionamentos como por exemplo: Quais os limites da ação pastoral? Quais os cuidados a serem observados para evitar esgotamento ministerial? Como a igreja pode/deve participar do cuidado do seu pastor/líder para prevenir um esgotamento do mesmo?

Visando responder a essas questões, como caminho metodológico optamos por entrevistar alguns pastores/líderes de igrejas por meio de um questionário online. A opção por questionário online deveu-se ao fato de a pesquisa ter sido feita durante a pandemia da COVID-19 no período de isolamento social e também pela agilidade que um questionário online possibilitava por dispormos de pouco tempo para uma pesquisa de campo mais complexa. Na tentativa de atender aos objetivos da pesquisa elaboramos alguns critérios/requisitos de seleção dos entrevistados: a) Que o entrevistado seja pastor ou líder de uma congregação; b) Que exerça a função ministerial há no mínimo dois anos; c) Que tenha idade compreendida entre trinta e sessenta anos; d) Que esteja em atividade (pastoreando/liderando) ou congregando de forma efetiva/ativa.

Para manter a descrição preservando a identidade dos interlocutores e como garantia da colaboração dos mesmos optou-se por não citar nomes no artigo, logo a referência utilizada foi elaborada de forma numérica (Exemplo: Pastor 1, 2, etc.) para melhor organização deste trabalho. Em maio/abril de 2022 enviamos o questionário para sete pastores/líderes diferentes denominações, cargos e confissão teológica/doutrinária distinta que haviam sido previamente contatados e colocados a par da proposta de

pesquisa. Apenas cinco pastores responderam às perguntas responderam às dezesesseis perguntas, totalizando oitenta respostas. Os pastores/líderes participantes atendem os requisitos anteriormente descritos e colaboram significativamente para a construção dessa discussão. Por conta do limite de espaço da elaboração deste artigo não apresentaremos aqui as perguntas que foram colocadas, apenas aparecerão à medida que formos fazendo a discussão sobre os pronunciamentos dos pastores/líderes.

1. UM OLHAR SOBRE O MINISTÉRIO PASTORAL

Na perspectiva de Clarice Ebert e Lis Andrea Pereira Soboll¹⁰⁸ o pastor é um trabalhador cuja função é atuar na liderança de organizações religiosas. Portanto, o exercício do ministério pastoral compreende o cuidado e direcionamento dos membros de uma determinada congregação a partir de uma perspectiva bíblico-teológica, abrangendo até algumas atividades administrativas da congregação ou organização religiosa.

Ao ler a bíblia nos deparamos com a função de pastorear, função essa comum desde o início das civilizações, que inspirou escritores, filósofos e historiadores que exemplificam o cotidiano de um grupo de indivíduos (parábolas). No entanto, nas Escrituras Sagradas essa referência simbólica à função de pastor é comumente usada ao indivíduo escolhido e vocacionado por Deus para o cuidado, zelo e edificação de um grupo que vai desde uma pequena comunidade a nações inteiras. Tal referência ao

¹⁰⁸ EBERT, Clarice; SOBOLL, Lis Andrea Pereira. *O trabalho pastoral numa análise da Psicodinâmica do Trabalho*. Canoas, 2009.

pastorado é vista logo no gênesis quando Deus estabelece ao homem o cuidado com a criação (Gn 1- 26) e posteriormente com Paulo ao estabelecer a idéia do pastoreio de pessoas, onde temos a inserção do indivíduo pastor que reúne os atributos necessários para o cuidado da noiva de cristo (1Tm).

Este olhar é corroborado por autores como Mello e Rosa¹⁰⁹ ao afirmarem que a função do pastor se objetiva em conduzir, cuidar e alimentar as ovelhas do seu rebanho. Nesse sentido isso se aplica muito bem ao contexto evangélico, no qual o pastor está incumbido da responsabilidade de não só de conduzir o seu rebanho pelo verdadeiro caminho que é Cristo, mas cuidando para que as inúmeras heresias não os atinjam, como também alimentá-lo com as escrituras sagradas, para que possam permanecer firmes no Senhor. Alguns dos entrevistados também reafirmaram essa ideia conforme apontou o Pastor 2, ao dizer que o ministério pastoral é *“Os um trabalho exercido com amor em prol do próximo”*. Na mesma linha de pensamento o Pastor 4 afirma que *“o ato de cuidar das ovelhas de Cristo tendo a primazia de alimentá-las pela palavra e guiá-las até o supremo pastor é principal função de um pastor”*.

Logo verificamos que o ministério pastoral é uma chamada a abnegar-se em prol dos outros e conduzir com esmero aqueles que o Senhor lhes concedeu para os cuidar. Trabalho esse que demanda cuidado, ação, dinamismo, visão e acima de tudo amor. Cabe, porém, questionarmos

¹⁰⁹ MELLO, Celso Ricardo de Jesus; ROSA, Luiz Augusto. *O ministério pastoral e os desafios na relação familiar*. Faculdade Bíblica das Assembleias de Deus, 2020.

se o ministério pastoral tem por única e exclusivamente o cuidado a outrem? Cabe dentro do ministério pastoral o cuidado o autocuidado?

Quando a Bíblia afirma em João 10:10 “[...] eu vim para tenha vida e vida em abundância” traduz uma preocupação integral com o ser humano. Portanto, podemos deduzir que Deus não vocaciona alguém para alguma tarefa que não envolva o autocuidado. Esse autocuidado compreende todas as dimensões do ser humano. Pois de acordo com Oliveira ¹¹⁰ cuidar do corpo envolve alimentação equilibrada, sono restaurador, atividade física, higiene corporal, espiritualidade saudável, bem como uma convivência harmoniosa com as nossas limitações e/ou condicionamentos sejam elas de ordem espiritual ou material. O ministério pastoral deve contemplar também o auto cuidado, levando em consideração todas as esferas da saúde do indivíduo, sendo assim as devidas atenções por parte da igreja devem ser tomadas; mais a frente discorreremos mais sobre o assunto.

2. AÇÃO PASTORAL E ESGOTAMENTO MINISTERIAL

Ainda discorrendo sobre a ação pastoral, pode ser compreendida como toda forma de serviço prestado pela igreja enquanto comunidade de crentes, orientanda pelo Espírito Santo, à um determinado grupo de pessoas. Tal serviço pode ser prestado fora ou dentro da própria igreja por meio de estruturas diversas que possibilitam identificar e atender as demandas individuais e coletivas de quem acessa esses serviços. Portanto,

¹¹⁰ OLIVEIRA, Roseli Margareta Kühnrich de. *Cuidando de quem cuida: Propostas de poimênica aos pastores e pastoras no contexto de igrejas evangélicas brasileiras*. Escola Superior de Teologia, São Leopoldo - RS. 2004.

a ação pastoral dentro do espectro evangélico compreende a ação de Deus por meio do seu Espírito de mobilizar pessoas em prol das necessidades do próximo¹¹¹. Neste âmbito, o pastor além de estar capacitado e munido ministerialmente para executar as rotinas pertinentes a sua função deve sempre estar regulamentando suas ações pastorais baseado na palavra de Deus.

No olhar do Pastor 3 a “*Ação pastoral deve estar sempre alicerçada na palavra de Deus, portanto, toda prática contém zelo, piedade, caridade e direção do Espírito Santo de Deus*”. A partir disso pode se inferir que a ação pastoral como o ofício/missão de Deus voltado aqueles que são chamados ou não, dado a indivíduos vocacionados e alicerçados na palavra de Deus.

A ação pastoral poder produzir no pastor/líder impactos físicos e também psicológicos capazes de acarretar a curto, médio ou longo prazo (dependendo do indivíduo) níveis perceptíveis e alarmantes de esgotamento ministerial. Nesse sentido, podemos nos questionar se seria esses esgotamento ou desgaste ministerial é próprio da função pastoral ou pode ser evitado/atenuado a partir de certas precauções. Se afirmarmos que sim, devemos encarar a contradição e questionar se seria então o ministério pastoral uma missão dada pelo senhor que levará seus vocacionados ao desgaste, descontentamento, desânimo e até mesmo traumas profundos que dificilmente farão o servo voltar a querer exercer novamente sua vocação?

¹¹¹ BRUSTOLIN, Leomar Antônio; *Pastoral/Pastoreio*; Universidade Pontifícia Católica do Rio Grande do Sul. Texto original português. Disponível em: <http://theologicalatinoamericana.com/?p=187> . <<acessado em jul/2022>>.

ou a causa para o esgotamento ministerial poderia ser a imprudência ao conduzir seu ofício/missão bem como o afastamento dos princípios bíblicos da liderança cristã? Esses questionamentos ainda que pareçam ter respostas óbvias são fundamentais principalmente diante do quadro de adoecimentos psicoemocionais que muitos pastores têm apresentado nos últimos anos.

Ao serem questionados sobre a relação entre ação pastoral e esgotamento ministerial os pastores/líderes responderam o seguinte: Pastor 5: *“O grande problema que nos esgota como pastores é pensar que Deus nos separou para ‘cuidar’ das ovelhas. Não, quem ‘cuida’ das ovelhas é Jesus, nós fomos separados para guiá-las e alimentá-las. O Pastor que assume a função de ‘cuidar’ (o que não nos cabe) com certeza, cedo ou tarde se esgotará”*. Na mesma linha de reflexão o Pastor 4 argumenta: *“A relação destas duas coisas (ação pastoral e esgotamento ministerial) só ocorrem quando o pastor assume aquilo que não é essencial ao seu chamado pastoral. Infelizmente essa é a maioria dos casos”*.

Portanto, percebe-se na fala dos dois pastores explicitado que o esgotamento ministerial está diretamente ligado aos limites da ação pastoral. Ou seja, quando há um desvio de função, no sentido dos pastores/líderes se verem na necessidade/obrigação de fazerem coisas dizem respeito diretamente a sua vocação por razões diversas como a falta de outras pessoas para executar tal tarefa, a falta de confiança em determinados membros de suas comunidades para lhes confiar determinadas tarefas, quando por insegurança/desconfiança o pastor/líder se torna centralizador colocando todo funcionamento da igreja sob a sua dependência – quando não se tem uma gestão/administração

coletiva/participativa/democrática da igreja. Ou ainda, como acrescenta o Pastor 2: *“quando um pastor, perde a essência do amor e se torna um profissional, estando em sua posição e exercendo seu trabalho de uma forma ativista”*.

Percebemos então que o esgotamento ministerial é evidenciado pelas má gestão da função pastoral, os excessos aliados com nossa fragilidade como seres humanos acarretam aos problemas listados anteriormente, cabe ao pastor/líder identificar sua falha e seus excessos e colocar em prática aquilo que a bíblia nos direciona em Atos dos Apóstolos 20:28 *“Cuidem de vocês mesmos e de todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo os designou como bispos, para pastorear a igreja de Deus, que ele comprou com o seu próprio sangue”*; E também o que relata em 1 Pedro 2 - 4 *“Pastoreiem o rebanho de Deus que está aos seus cuidados. Olhem por ele, não por obrigação, mas de livre vontade, como Deus quer. Não façam isso por ganância, mas com o desejo de servir. Não ajam como dominadores dos que foram confiados a vocês, mas como exemplos para o rebanho. Quando se manifestar o Supremo Pastor, vocês receberão a imperecível coroa da glória”*.

Fica explícita a necessidade de repensarmos a abrangência da atuação pastoral e sobre os desvios que por razões diversas têm sido construídos em torno da mesma. Desvios esses que tendem a destoar e descaracterizar a própria vocação ministerial de pastores/líderes. É importante que essa reflexão seja feita não apenas por aqueles/as que se sentem/percebem vocacionados para o exercício da função pastoral, a igreja enquanto comunidade que é conduzida por esses pastores/líderes

também deve ser chamada para esta conversa e deve ter voz ativa/participativa na mesma, pois para que os pastores/líderes sejam e se sintam cuidados é necessário uma via de mão dupla – a igreja deve cuidar do pastor à medida que é cuidada por ele distanciando-se das relações hierarquias/opressões.

É veementemente necessário que as igrejas como instituição se responsabilizem pela promoção de ações educacionais que visam identificar e tratar de forma humana e pontual pastores/líderes que por diversos motivos estão apresentando esgotamento ministerial exercendo suas funções eclesiásticas, é imprescindível a criação de ferramentas/dispositivos/mecanismos passíveis de prevenir o esgotamento e orientar sobre as funções bíblicas do ministério pastoral e a liderança como um todo. Pois é evidente que o esgotamento ministerial não faz parte da vontade divina para o indivíduo vocacionado (pastor/líder), é sim uma das consequências de uma má compreensão da abrangência dessa vocação que vai produzindo desgastes, descontentamentos, abandono de convicções fundamentais da própria fé, desestruturação do ambiente familiar, enfraquecimento da própria comunidade eclesiástica e em último caso morte espiritual e física (suicídio).

3. UMA IGREJA QUE CUIDA DO SEU CUIDADOR VOCACIONADO

Como é de conhecimento geral toda igreja ou comunidade eclesiástica possui um líder, que pode ser intitulado de Pastor, Bispo, Ancião, Apóstolo, Profeta, entre outros, dependendo da orientação confessional

e/ou da linhagem bíblico-teológica. Praticamente possuem funções idênticas e atuam diretamente no cuidado e orientação dos congregados, fazendo-se importantes para o bom andamento da obra, pois como citado anteriormente seu papel é de conduzir a igreja a Cristo Jesus. Contudo o inverso também é importante ser lembrado, pois é dever da igreja honrar e cuidar de seus pastores com diz em Hebreus 13:17 *“Obedecei aos vossos guias e sede submissos para com eles; pois velam por vossa alma, como quem deve prestar contas, para que façam isto com alegria e não gemendo; porque isto não aproveita a vós outros”*.

O ministério pastoral cristão como visto anteriormente tem seus desafios e deve ter a atenção ímpar da igreja. O *“não gemendo”* deve ser levado em consideração, pois a igreja que se diz cristã deve ter em si mesma a marca de cuidado integral dos seus membros e pastores/líderes, nela todos devem se sentir acolhidos, cuidados e muito amados por Deus e por todos membros.

Para o Pastor 3 *“Toda labuta pode causar fadiga e esgotamento, no ministério eclesiástico não é diferente. Portanto, deve conter-se nos cuidados especiais como planejamento e ação”*. Aqui percebe-se uma inerência de uma possível fadiga ou esgotamento do exercício pastoral, porém, que pode ser prevenido ou contornado com ação efetivas planejamento e ações bem coordenadas. Dentro dessas ações é importante incluir modos de identificação e cuidado com/dos desgastes ministeriais, como cuidados pastorais para pastores/líderes nos quais os mesmos têm a oportunidade de escuta acolhedora, de descansar de suas atribuições e performances ministeriais por algum momento.

Propiciar encontros de pastores com enfoque médico-pedagógico, onde profissionais da saúde esclareçam dúvidas e orientem, como nutricionista, clínico geral, além de especialistas em temas específicos¹¹².

Portanto, os pastores/líderes deveriam passar por exames periódicos de rotina para avaliar sua saúde física e mental, procurar frequentemente ajuda psicológica e instruir-se também em outras áreas além das esferas denominacionais.

De acordo com Souto e Fluck¹¹³ o desgaste ministerial ou esgotamento pode ser caracterizado como um sentimento de exaustão emocional que pode ser a primeira fase de um processo progressivo de perdas de energias entre o trabalho realizado e o cansaço. Portanto, a partir de um olhar atento sobre os seus pastores/líderes pode ser possível que a comunidade eclesial consiga perceber os sinais de esgotamento ministerial pelo modo como os mesmos vão exercendo as suas funções, as suas alternâncias de ânimos, os modos de tratos/orientações aos fiéis.

Ao questionarmos os entrevistados sobre a existência de ações preventivas contra o esgotamento ministerial em suas igrejas, o Pastor 2 respondeu o seguinte: “Creio que estamos começando a perceber essa fragilidade, e organizando mecanismos para combater tal adversidade”. Apesar de parecer atrasada é animador o fato de já termos presentes em

¹¹² OLIVEIRA, Roseli Margareta Kühnrich de. *Cuidando de quem cuida: Propostas de poimênica aos pastores e pastoras no contexto de igrejas evangélicas brasileiras*. Escola Superior de Teologia, São Leopoldo - RS. 2004.

¹¹³ SOUTO, Gilmar Santos; FLUCK, Marlon Ronald. *Esgotamento no trabalho pastoral*. Revista Teologia, Sociedade e Espiritualidade Betânia; n°5, v.1, Curitiba – PR, 2018.

muitas igrejas esses mecanismos de combate ao esgotamento ministerial dos seus pastores/líderes. Isso, em parte, é fruto da ampliação das discussões das ciências da saúde principalmente no campo da psicologia sobre as diversas formas de sofrimentos que atingem a humanidade. Assuntos como depressão, esgotamento, fadiga têm crescido cada vez mais em nas mídias sociais levando ao descobrimento de inúmeros casos dentro das igrejas, fazendo com que pastores busquem ajuda e as igrejas busquem ferramentas de percepção que possam prevenir adoecimentos e casos extremos como suicídio, que podem ter origem em uma depressão velada por anos.

4. AUTOCUIDADO – UMA CONTRARRESPOSTA AO ESGOTAMENTO MINISTERIAL

A percepção de nós mesmos em relação ao serviço cristão é de suma importância quando o assunto é esgotamento ministerial. Temos atualmente recursos humanos/científicos que podem nos auxiliarem como indivíduos na tomada de decisões sobre as melhores estratégias para cuidar e precaver o esgotamento no serviço cristão. O indivíduo envolvido no pastoreio ou liderança deve de tempos em tempos fazer uma autoavaliação sobre em termos qualitativos e quantitativos sobre a sua própria atuação ministerial, no sentido de dimensionar a sua aproximação ou distanciamento das orientações bíblico-teológicas para a sua própria vocação, tendo como principal base o modelo de Jesus.

Essa autoanálise ajudará a compreender os alinhamentos do mesmo com os princípios fundamentais do reino de Deus. Possibilitará identificar

as motivações que o levam a permanecer ou não no exercício ministerial, também viabiliza a identificação das limitações de cada um, bem como as necessidades de maior cuidado ou aperfeiçoamento em determinados aspectos.

Tal percepção foi corroborada pelos pastores/líderes quando questionados sobre o que podem fazer para prevenir/evitar o próprio esgotamento ministerial. Os mesmos relataram o seguinte: Pastor 1 *“Aceitar que ele existe (esgotamento ministerial), e que nenhum deles (pastor) é super homem que nunca irá passar por isso”*. Pastor 4 *“Ter semanalmente um tempo de descanso e desligamento total. Onde pode ter um tempo pessoal e familiar de renovo. Ter uma agenda disciplinada para não haver excesso de atividades que impeçam seu tempo com Deus e seu tempo de renovo”*. Pastor 5 *“Entender que não somos Deus e nem Jesus, somos uma ovelha que precisa ser cuidada e pastoreada. Um pastor não se auto pastoreia, precisamos de companheiros idôneos que nos aconselhem e nos orientem em nossa jornada, a história da Igreja nos mostra que homens que fizeram a diferença foram pastoreados por outros iguais, Timóteo, Policarpo, Irineu, Inácio, Justino o Mártir, Lutero, Calvino, Armínio, etc”*.

Baseando-se nos entrevistados verifica-se então que deve partir de cada um/a a autoanálise e a busca de ajuda quando nos deparamos com o esgotamento ministerial. Um pastor/líder não precisa sofrer calado as lutas ministeriais pois possui família, irmãos em cristo e várias outras instituições de apoio para dividir a carga que muitas vezes excessiva é em seus ombros. É importante frisar também que a busca incessante que temos em aprovação coletiva e satisfação laboral acresce o desgaste individual e

se não tratada devidamente pode ser também um fator preponderante no esgotamento ministerial. É fato que as mudanças demandam compreensão, porém o tempo empenhado para tal deve caminhar paralelamente ao tempo investido em ações de ação/prevenção do esgotamento ministerial se tornem realmente efetivas fazendo a diferença ao indivíduo no ambiente congregacional.

A descentralização das funções pastorais pode ser uma proposta viável para solucionar demandas congregacionais, servindo também como ferramenta de prevenção. Isso também é apontado pelo Pastor 5 ao afirmar: *“A centralização das funções ministeriais tem sido uma das maiores problemáticas do desenvolvimento pastoral. O líder deve aprender a descentralizar suas funções a homens idôneos e não cometer o mesmo erro de Moisés”*. Ou seja, descentralizar gera benefícios organizacionais, porém não extingue o problema do esgotamento por completo, contudo, o apoio conseguido por uma gestão descentralizada pode ser um fator que viabilize a ação pastoral mais ampla e menos fatigante, conseguindo abranger também ações pontuais a outros pastores subordinados elevando assim o nível de confiabilidade da equipe.

CONCLUSÃO

Ao analisar os dados levantados nas entrevistas, a bibliografia e a vivência das experiências de Estágio em teologia em um mundo pós pandêmico, pudemos perceber a imensa dificuldade que temos como igreja em reconhecer nossas falhas organizacionais em não tomarmos as devidas

precauções e cuidados com aqueles que por vocação se colocam à disposição para em qualquer momento nos trazerem aconselhamento para o dia-a-dia e conforto em meio ao caos.

Consideramos que a igreja enquanto comunidade de crentes em Jesus também deve se responsabilizar pelos seus colaboradores até mesmo em relação aos que são voluntários. As instituições devem promover aos seus pastores/líderes, ações de acolhimento, acompanhamento médico periódico, momentos de lazer familiar, férias regulares e deixar a velha prática de “sugar” o indivíduo até deixá-lo esgotado de si e do ministério, pois é somente o cuidado mútuo que fará com que uma igreja caminhe de forma sadia e tenha a visão de que seu pastor/líder é um vocacionado disposto a tudo para ajudar no desenvolvimento de todos os indivíduos, desde de que esse “tudo” respeite a individualidade levando em consideração que para além da posição (cargo) eclesiástica existe um ser humano frágil e dependente da misericórdia de Deus.

Quanto as responsabilidades das instituições cristãs (igrejas), cabe ao pastor também tomar conta de si, recorrendo a ajuda em caso de sintomas de esgotamento ministerial. Entendemos que a posição de liderança normalmente exige um posicionamento forte e estratégico de controle, porém pastores/líderes não devem se esquecer que padecem de todos os males inerentes ao ser humano, e podem contar com ajuda física e psicológica, de sua família e igreja que aliados em um processo de cura ajudarão esse pastor/líder a vencer todos os obstáculos, onde a alegria de exercer o ministério cristão se tornará novamente abundante no interior do indivíduo fazendo-o gerar novamente frutos ministeriais que servirão para dar continuidade a obra realizada.

Apelamos para que as igrejas se movimentam em relação aos seus pastores/líderes, que promovam ações de comunhão não necessariamente congregacional, mas que transcende os espaços congregacionais, visando o bem estar do indivíduo e de sua família, gerando a fraternidade cristã que nos primórdios foi a base para o início das atividades apostólicas como atestando em Atos 2:42 “no partir do pão e nas orações”. Isso implica pontuar erros, tecer elogios aos acertos, aparar as arestas quando necessário e promover constante a vocação para o qual pastores/líderes foram chamados.

Referências

ANIMA PUC MINAS. *Uma abordagem espacial-geográfica da ação pastoral*; 2013; Disponível em: <http://portal.pucminas.br/anima/formacao.php?pagina=4633&codigo=10#:~:text=Uma%20a%C3%A7%C3%A3o%20pastoral%20%C3%A9%20toda%20pessoas%2C%20tomadas%20individual%20ou%20coletivamente.> Acessado em 10/06/2022.

Bíblia de Estudo Pentecostal. *Tradução de João Ferreira Almeida.* Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD), 1995.

BRUSTOLIN, Leomar Antônio; *Pastoral/Pastoreio*; Universidade Pontifícia Católica do Rio Grande do Sul. Texto original português. Disponível em: <http://theologicalatinoamericana.com/?p=187> . <<acesso em jul/2022>>.

EBERT, Clarice; SOBOLL, Lis Andrea Pereira. *O trabalho pastoral numa análise da Psicodinâmica do Trabalho.* Canoas, dez. 2009.

MELLO, Celso Ricardo de Jesus; ROSA, Luiz Augusto. *O ministério pastoral e os desafios na relação familiar*. Faculdade Bíblica das Assembleias de Deus, 2020.

OLIVEIRA, Roseli Margareta Kühnrich de. *Cuidando de quem cuida: Propostas de poimênica aos pastores e pastoras no contexto de igrejas evangélicas brasileiras*. Escola Superior de Teologia, São Leopoldo – RS, 2004.

PESSOA, Jimmy Barbosa. *Anjos Cansados: O sofrimento de pastores com sintomas da síndrome de burnout na Assembleia de Deus Ministério do Belém*. Universidade Pontifícia Católica, São Paulo – SP, 2020.

NASTRINI, Márcio; STEGER, Walter. *Quando o líder cristão chega ao limite - Burnout Pastoral*. Revista Ministério, maio/junho, 2017.

SOUTO, Gilmar Santos; FLUCK, Marlon Ronald. *Esgotamento no trabalho pastoral*. Revista Teologia, Sociedade e Espiritualidade Betânia; N°5, VOL 1, Curitiba – PR, 2018.